



(Registrado no D.N.I.)



Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"
— Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REDATORES:

Redator - Chefe :
WALTER BELDA

Secretário :
ARMANDO BOTTER
BERNARDI

Tesoureiro :
JOSE ROBERTO
FORTES

Diretor — LAERTES FERRÃO

Ano XV

SÃO PAULO — JUNHO DE 1947

Núm. 50

Posse solene da Diretoria Hirs

"... LANÇAMOS HOJE O NOSSO VEEMENTE APELO PARA QUE A CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ABRA AS SUAS PORTAS, RECEBENDO UM REPRESENTANTE DOS ACADEMICOS" — (DO DISCURSO PROFERIDO POR ÁLVARO DA CUNHA BASTOS, 1.º ORADOR DO CENTRO ACADEMICO "OSWALDO CRUZ")

Na noite de 18 de Abril do corrente ano, no salão nobre desta Faculdade, realizou-se a sessão de posse da atual diretoria do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

A festa constou da solenidade em que foram entregues os diplomas aos novos diretores e de uma audição da Orquestra Universitária de Concertos.

A ela estiveram presentes o Prof. Renato Locchi, Diretor da Faculdade de Medicina; o Representante do Magnífico Reitor da Universidade; o Prof. Celestino Bourroul, vice-diretor da Faculdade; o Prof. Ernesto de Souza Campos, Presidente Honorário do Centro; o Dr. Domingos Goulart de Faria, Secretário da Faculdade; o Dr. Eneas de Carvalho Aguiar, Superintendente do Hospital das Clínicas; muitos Professores catedráticos e Assistentes da Faculdade; Srs. Representantes dos Centros Acadêmicos de São Paulo; Exmas Famílias dos Srs. Professores e de nossos colegas.

Aberta a sessão o Prof. Renato Locchi fez a chamada dos Diretores do Centro eleitos para o ano de 1947, entregando a cada um o respectivo diploma. Ficou a Diretoria assim constituída: Presidente — Jorge Barifaldi Hirs; Vice — Paulo A. Homem de Melo; 1.º secretário — Américo dos Santos; 2.º secretário — André Ricciardi Cruz; 1.º tesoureiro — Oswaldo Monteiro de Barros; 2.º tesoureiro — Edmundo Zarzur; 1.º orador — Álvaro da Cunha Bastos; 2.º orador — Roberto Brolió; diretor de esportes — Luiz Pavésio.

Em seguida falou o Presidente empossado, doutorando Jorge Barifaldi Hirs que pronunciou breve discurso, reafirmando os propósitos da atual diretoria de lutar pela solução dos problemas que afligem a classe estudantina.

Rereferiu-se á necessidade primordial da existência de um espírito de colaboração mútua entre professores e estudantes, terminando por dizer da disposição que têm os alunos de colaborar decididamente pela grandeza desta Escola.

O Snr. Diretor da Faculdade, deu então a palavra ao 1.º orador oficial do Centro, colega Álvaro da Cunha

Bastos que pronunciou o seguinte discurso, em que são abordadas questões de interesse primordial para o Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

Snr. Professor Renato Locchi, Diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo — símbolo de honradês, cultura e dedicação ao trabalho.

Snr. Representante do Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.

Srs. Professores.

Snr. Diretor Superintendente do Hospital das Clínicas.

Snr. Secretário da Faculdade: Senhoras e Senhores.

O continuo correr do tempo, o suceder ininterrupto dos dias, é um verdadeiro filme que se desenrola ante nossos olhos, pondo-nos a conhecer os mais variados quadros que são os múltiplos aspectos da vida humana.

E a apreciação serena do que assim nós é dado perceber traz-nos, sem duração, a evidência de transformações notórias que se processam em todos os campos da atividade.

Tudo, em regra, se modifica — os hábitos, as tendências, até mesmo o pensamento humano toma novas direções, segue novos rumos, como a ansia de rasgar horizontes e quebrar as práticas essencialmente rotineiras, amigas de um estacionamento estéril e improdutivo.

Agora, por excelência, uma época de transição brusca, o mundo atravessa. Passamos um momento de vida decisivo para a História, no qual se agitam questões de naturezas as mais diversas, num entrecroque, não raro violento de interesses em jogo.

Se, por um lado, isso é manifestação, a mais pujante, de vida, por outro lado, é doloroso assinalar-se que, as mais das vezes, a ambição, o desejo, a ganância do poder material, obumbram vistas e toldam consciências, com o sacrifício de nobres ideais que deveriam ser os únicos escopos na luta ingente de cada dia.

E quando se pensa que a humanidade se divide numa infinidade de grupos que trilhram por correntes de pensamento, entre si divergentes — senão mesmo antagonicas — é fácil justificar-se o ardor das disputas que

se travam, não raro levadas ao campo das porfias sangrentas.

Mas, se a realidade presente é, sob esse aspecto, indubitavelmente triste, mesmo doloroso, convém assinalar, precipuamente, de, nada valerem as lamurias, ou as contemplações passivas do panorama que se nos apresenta.

Mais serve a uma progressão positiva, para a conquista de algo prático, o estudo do que se nos mostra, a observação fria do analista, como passo inicial do verdadeiro conhecimento, na aceção mais perfeita do vocábulo.

Então as circunstâncias atuais, no que encerram de deplorável, se nos mostrarão como decorrências de erros do passado, que culminaram por mergulhar a humanidade nas garras do absolutismo nefasto.

Felizmente acordou-se ainda em tempo para uma oposição sistemática e vigorosa às forças maléficas, então em ascensão vertiginosa. E os povos democráticos do mundo, não hesitaram em colocar mais alto do que seus interesses privados, a tendência inata dos que são dignos, tendência a viver no pleno gozo daquilo que é um direito dos homens civilizados — no gozo da Liberdade!

Assim venceu-se a fase aguda da tormenta e os homens, pouco a pouco, revigoramse das energias perdidas, reestruturamse nesta fase delicada de vida, em que a harmonia se deve restabelecer, forjada pela fraternidade comum, alicerce sólido e indispensável na reconstrução da Paz.

Essa obra gigantesca é trabalhosa, e isso bem mostra, a fase em que vivemos, de incertezas e mesmo de desenganos.

Urge, porém, por parte de todos, um trabalho útil e bem orientado que nos conduza à tranquilidade futura, trabalho que repouse sobre o nobre espírito de verdadeira compreensão, a orientar os destinos da humanidade.

Só assim a transformação natural das coisas poderá ser conduzida no sentido de verdadeira evolução, ou seja, de um real aperfeiçoamento, para o qual todos devem tender.

Tal panorama que se nos mostra é, simplesmente, o total de uma soma de parcelas que se fazem sentir em todos

os setores de vida. E' porisso que tais considerações para nós, nesta hora academicos brasileiros, não deixam de ser oportunas. Somos filhos de uma pátria que tem, de modo incontestante, possibilidades imensas de ser realmente pujante e, além disso, numa missão mais restrita, integramos um todo — a FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO — que, muito além da altivez de sua estrutura material, tem um passado de tradições impercíveis, tradições de luta denodada pela Ciência, pela Medicina, consequentemente pela nosa Pátria e pela própria humanidade. Sejam este passado e estas tradições o incentivo que, neste período delicado de vida, nos há de levar, de corpo e alma, com a compreensão da nossa responsabilidade, à construção de um futuro ainda mais brilhante.

Creemos que, lutando neste nosso ambiente de vida, inspirados pelos sublimes princípios da dignidade humana, estaremos junto aos homens dignos de todo o mundo, dando a nossa parcela de cooperação ao trabalho comum.

Colegas. Ninguém pode negar que "a união faz a força", e a verdadeira união só se pode conseguir mediante o voto de abnegação e sacrifício, por parte dos integrantes de um todo.

Devemos, cada vez mais, aumentar e fortalecer os laços de nossa amizade comum, procedendo com lealdade, como verdadeiros irmãos.

O sacrifício individual pelo bem coletivo, deve ser por nós sempre lembrado, porque integramos uma coletividade, a qual devemos amar verdadeiramente.

Que os obstáculos a vencer surgirão, que os impecilhos à nossa caminhada terão de existir, não ignoramos, e porisso eles não nos tomarão desprevenidos, bem como não vacilaremos ao fazer sentir, no momento preciso, a força inquebrantável das nossas convicções.

Assim estaremos bem apoiados para fazer algo de prático, para transformar ideais nobres em realidades sensíveis, para dar ao mundo o nosso quinhão de realizações úteis. Estare-

mos, enfim, no cumprimento do nosso dever de cidadãos.

NOSSA ATIVIDADE

Ao recebermos hoje, solenemente, os cargos de Diretoria do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", manifestamos a honra e a satisfação que nos possuem por esta investidura. Prometemos, de antemão, envidar o máximo de esforços, no sentido de fazer progredir nossa agremiação, em sua trajetória brilhante, aureolando-a sempre de novos e expressivos triunfos.

No entanto, exaltações do sentimento, se bem que plenamente justificáveis, numa hora de satisfação como a que agora vivemos, não nos fazem esquecer a imensa responsabilidade que nos pesa sobre os ombros. Encaramos com seriedade a incumbência recebida, no pleito eleitoral do ano passado, em que a Democracia se manifestou entre nós, estudantes, em toda a sua plenitude.

A eficiência e a dedicação dos que nos antecederam, nas gerações passadas, deixando considerável acervo de realizações, impõem-nos agora e impõem fatalmente, dos nossos sucessores, momentos de intensa luta, dentro dos quais os horizontes incógnitos do futuro irão sendo rasgados por novas conquistas.

Dá-nos alento, sobretudo, para a grande jornada a que nos propomos, a finalidade nobre de cultivar um verdadeiro espírito de coleguismo, entre o corpo discente desta Casa. E, para tanto, não será preciso criarem-se mentalidades, formarem-se modos de pensar. Estes já devem existir, frutos, aliás, do grau de elevação em que nos achamos. É mistério, tão somente, orientar as ações de maneira a que elas se apliquem a um ponto comum, qual seja o de provocar esforço, o maior possível, em benefício da nossa grandeza.

Estamos desenvolvendo ativamente, desde dezembro último quando nos foram transmitidos os cargos, um trabalho incessante, para colocar, definitivamente, o nome do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" numa posição destacada no cenário social de São Paulo e do Brasil.

Com essa atitude visamos, tão somente, uma situação favorável para que possamos lutar pelos interesses da classe universitária em geral.

As atividades sociais do Centro estão merecendo, de nossa parte, uma atenção toda especial. Oferecendo à sociedade paulistana as nossas festas deste ano, estaremos manifestando sincera gratidão a essa mesma sociedade que já mais nos negou o seu auxílio sincero e prestimoso.

Muito precisamos dessa colaboração efetiva para as nossas atividades de amparo aos necessitados de assistência médica.

Nesse particular, algo já temos feito, mas somos os primeiros a reconhecer a necessidade, ainda, de maiores realizações no terreno da Medicina Social.

No segundo semestre, levaremos a efeito uma jornada de grande utilidade — a campanha contra a Tuberculose que coincidirá com a definitiva estruturação da Liga Contra a Tuberculose, já em adiantados estudos. Lançando essa ofensiva de trabalho contra o verdadeiro flagelo que dizima nossas populações, estaremos colaborando, decidida e eficientemente, na campanha por movida, em todo o país, pelo Serviço Nacional de Tuberculose.

Nossa — atividade deste ano acha-se voltada também, com grande interesse, para as questões de ordem interna do Centro Acadêmico. Cuidando de uma melhor estruturação dos vários setores de trabalho, resolvemos dar início à indispensável reforma dos nossos Estatutos. Tal medida há muito se impunha, como expressão da vontade de todos os colegas, aliás, muito bem fundamentada, na real

necessidade existente. Procuraremos deixar, às gerações futuras, Estatutos simples, atualizados e essencialmente democráticos.

Como medida, que julgamos de interesse primordial, cuidaremos, também de providenciar o levantamento dos terrenos em que se acham construídos todos os imóveis do Centro, efetivando, deste modo, a legalização de toda a nossa propriedade.

Uma visão da estrutura da nossa agremiação e das atividades que se desenvolvem para mantê-la torna evidente a necessidade que temos de colaboração. Colaboração ativa de todos os colegas e da sociedade também. É neste sentido que lançamos o nosso apelo a todos. Podem estar certos de que o apoio recebido pelo Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", será por nós convertido em auxílio ao povo necessitado e sofredor.

O ENSINO MÉDICO

Aproveitamos, agora, o ensejo que se nos oferece para abordar, se bem que de modo suscinto, os problemas mais sentidos pelos estudantes, como de relevância para a elevação do padrão do ensino médico. Julgamos, mesmo, ser esta uma esplêndida oportunidade para a exposição dos nossos pontos de vista, pois vemos, nesta festa, muitos dos srs. professores da Faculdade, cuja presença nos é, sobremaneira, honrosa. E uma vez que vivemos, nesta Casa, num clima de cordialidade, permitamnos, srs. professores, que lhes digamos algo do que sentimos.

De modo geral, as condições atuais do ensino, no Brasil, merecem especial atenção. Elas constituem um problema, cuja solução é de necessidade primordial para o progresso verdadeiro que vivemos a desejar. Algumas reformas têm vindo e a que nos diz respeito, diretamente, parece que não tardará. Que se fará do Ensino Superior? Algum estudante ou representação estudantina foi consultada, sobre a que existe, ou informada sobre o que será feito? Creemos que não. Diante disso, convenhamos, é preciso que nos torne-mos precavidos com o que nos espera.

Somos, atualmente, unânimes em admitir, no Brasil, a necessidade de um regime de vida que se baseie no princípio sadio do respeito aos direitos de todos, dentro de um clima de liberdade. E é justamente no meio intelectual, onde existem a compreensão e a cultura, que se pode seguir essa norma de conduta, realmente democrática. Em se tratando de questões de ensino, um raciocínio lógico elementar leva qualquer indivíduo a admitir que, se ele visa sempre o mais fácil e melhor aprendizado, devem os estudantes ser consultados sobre as decisões a tomar. Conhecendo as múltiplas deficiências da estruturação atual, e isso por experiência própria, estamos aptos a cooperar, ativamente, para que o ensino, em nossa Pátria se processe de modo proveitoso. No entanto, até hoje, é lamentável dizer-se, não nos deram oportunidade para assim proceder. E nós vamos, no decorrer do tempo, apreciando tudo o que sucede, conhecendo, cada vez melhor, a estruturação do que existe, observando e sentindo os múltiplos e incontáveis defeitos que ela encerra, sem poder intervir para corrigi-los. Nem, ao menos, podemos apressar a intervenção daqueles que têm possibilidade de tomar atitudes e não as tomam, não sabemos porque.

Estamos, enfim, condenados inexoravelmente a conservar uma atitude puramente passiva, neste ambiente que é nosso. Os senhores orientadores do ensino discordam, certamente, da feliz expressão do filósofo Bacon, que citamos a nosso favor: "Os homens deveriam saber que, no Teatro da vida, só os Deuses e os Anjos podem ser espectadores".

Felizmente estamos, hoje, no país, sob um regime constitucional, em que

a liberdade de palavra é assegurada. E ela é o meio de que ora dispomos, para criticar e sugerir, a fim de que os nossos direitos não sejam totalmente esquecidos e as nossas pretensões passem tornar-se concretas.

Nosso descontentamento é notório, e necessário se torna exteriorizá-lo em forma de reivindicações.

Podemos assegurar, sem temor, que entre professores e estudantes, a opinião é quase unânime no que se refere, por exemplo, à necessidade de nova estruturação do curso médico, com ALTERAÇÕES DA ATUAL SÉRIÇÃO DE MATÉRIA. Realmente, o sistema em prática está crivado de imperfeições, verdadeiros impedimentos à realização de um ensino eficiente e produtivo. Críticas inúmeras têm surgido, como é do conhecimento de todos, de parte de figuras expressivas do nosso meio médico. E quase todas elas se completam, com sugestões muita vez aproveitáveis, demonstrando, por esse lado, a disposição existente para se corrigirem os males conhecidos. Dada esta situação, nós, estudantes, fazemos aqui um sincero pedido aos srs. professores, para que cuidem, o mais depressa possível, dessa revisão, a bem do aprimoramento da formação médica das turmas que deixam anualmente esta Faculdade.

No trabalho diário que levamos a efeito nas salas de aula, nos laboratórios e nas enfermarias, estamos, a cada passo, professores e estudantes, sentindo a deficiência da organização vigente, por isso mesmo, não raro, encontrando soluções adequadas. Então, se assim vivemos, em tão íntima relação, nada mais justo e necessário que estejamos juntos na resolução efetiva dos mesmos problemas. A conclusão a que chegamos nos parece, pela simplicidade e objetividade dos argumentos em que se apoia verdadeiramente irrefutável. No entanto, o que se vê na prática não se coaduna com ela. Para impedir que tal estado de coisas perdure é que LANÇAMOS HOJE O NOSSO VEEMENTE APÊLO, PARA QUE A CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO OBRA AS SUAS PORTAS, RECEBENDO UM REPRESENTANTE DOS ACADÊMICOS. Quando este nosso apelo for atendido, ter-se-á dado um largo passo à frente, no que chamamos de Democratização do ensino.

Não nos devem temer os srs. professores no sagrado recinto de reunião da Congregação da Faculdade porque lá nós, estudantes, usaremos tão somente de lealdade e franqueza na manifestação de nossas opiniões.

Procuraremos ser úteis à causa comum, emprestando a nossa parcela de cooperação, ao trabalho a se desenvolver.

Lutaremos, precipuamente, pelo ensino intensivo de que é útil, prático, necessário a que possamos fazer algo em prol da saúde do povo. Combateremos decididamente toda a apresentação que nos fizerem, em aulas, de divagações históricas e mesmo demonstrações improdutivas de erudições estérteis.

Queremos enfim, a maior e sempre crescente eficiência do ensino para um aprendizado melhor e mais positivo. E como parte integrante da atividade a desempenhar-se em prol da concretização deste desejo, não podemos esquecer também, neste momento, de abordar outra importante questão. Trata-se da implantação de uma medida que trará benefícios gerais para o ensino médico. Ela é, senhores professores, a questão da FREQUÊNCIA LIVRE, ÀS AULAS TEÓRICAS QUE, A NOSSO VER REPRESENTA UMA CONQUISTA DE GRANDE AJCANCE NA MELHORIA DO PADRÃO DE ENSINO.

Os senhores professores não devem ter dúvida de que nós, estudantes de um curso superior, temos noção exata das responsabilidades e dos deveres a cumprir. Logo, temos também o senso

crítico indispensável para discernir o bom do ruim, o aproveitável do inaproveitável, o útil do inútil. Assim sendo, mesmo com frequência livre, iremos, sem dúvida, às boas aulas teóricas e, muito razoavelmente, deixaremos de ir às más. Então a presença facultativa será como que o termómetro preciso que dirá, claramente, da eficiência ou não do professor em seu desempenho.

Duvidamos, sinceramente, que se possa, de sua consciência, refutar essa nossa argumentação. E podemos ainda dizer que nos parece algo desconcertante, para um professor, o fato de fazer preleções a auditórios que se apresentam repletos, tão somente, devido à coação a que os estudantes estão sujeitos, pela clássica chamada do início da aula.

E' a colenda Congregação desta Casa, empenhada agora, segundo nos foi informado, na reforma da estruturação do ensino em nossa Faculdade, que dirigimos hoje a nossa palavra. Contamos com que estas nossas reivindicações sejam levadas em consideração e atendidas:

* *

ALTERAÇÃO DA ATUAL SÉRIÇÃO DAS DISCIPLINAS DO CURSO;

REPRESENTAÇÃO DOS ALUNOS NA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE E

FREQUÊNCIA LIVRE ÀS AULAS TEÓRICAS.

Enquanto tal não conseguirmos, continuaremos na luta, sem desânimo, porque temos absoluta certeza de que, mais cedo ou mais tarde, prevalecerão estes nossos pontos de vista. Debateremos, sem dúvida, a pertinência do posicionamento prejudicial que, a cada passo encontramos, dificultando a marcha por nós encetada e mantida. Às vezes nos aconselham a parar a luta, repetindonos o velho adágio "a corda sempre rompe do lado mais fraco" Dar ouvidos a tal palavra é, porém, ficar na passividade irritante de um conformismo sistemático. Nossa resposta, nessa eventualidade, é uma só: jamais conheceremos outra força maior do que a força da razão.

Acreditamos poder realizar muito pelo ensino, levando-o a preencher sua nobre finalidade de elevar, cada vez mais, o nível mental do povo brasileiro, obra que é, sem dúvida, fundamental para a nossa verdadeira independência em todos os setores de vida.

OUTRAS REIVINDICAÇÕES

Os passos finais que ora se dão, em todo o país, no trabalho de estruturação do regime democrático, constituem motivo à manifestação do nosso sincero regosijo, nesta oportunidade.

Há pouco deixamos a iniquidade e as trevas de uma opressão, para entrar numa fase de nossa História, em que vemos as luzes benfazejas da Liberdade.

Muito terá que fazer o governo, agora legalmente constituído. Para nós, esperamos que ele volte os seus olhos, atendendo a problemas cuja solução viria satisfazer velhas aspirações dos acadêmicos de medicina.

Queremos a construção da CASA DO ESTUDANTE DE MEDICINA, para dar aos nossos colegas que vivem, mal acomodados e subnutridos, nas casas de pensão, um nível de razoável, como condição primeira para um desempenho melhor das obrigações escolares.

Pedimos se nos dê oportunidade para que prestemos serviços ao Estado, em lugares remunerados, cujo desempenho seja, porém, compatível com as nossas aptidões.

Lembremos a instituição de uma Imprensa Universitária, que nos forneça os livros essenciais à formação do nosso cabedal científico, livros que nos cheguem às mãos, sem os acréscimos assustadores de intermediários ávidos de lucro. Tais reivindicações

(Conclui na 7.ª página)

Conceito de Universidade

As necessidades de todo agrupamento social, decorrentes de sua conservação e evolução, multiplicam-se e avultam-se, na razão do seu aperfeiçoamento e consequente integração na civilização universal. Estas necessidades comuns aos agrupamentos humanos — e que crescem na eventualidade de grupos de formação histórica recente — dão lugar com a sua solução ao nascimento de normas, instituições, etc., que em conjunto constituem o complicado edifício social por onde se realiza a vida dos povos.

Em nosso caso particular, de país novo e que se civiliza, quando as exigências nos assaltam ou novas relações humanas precisam ser legisladas, não encontramos uma experiência própria, que evite o emprego de métodos incapazes e consequentemente o desperdício de tempo e energia. Sem experiência própria, sem fundo histórico e ligados à Europa (nos dias que correm aos Estados Unidos) pelas camadas profundas de nosso ser, voltamos para lá, em primeiro ímpeto, num movimento natural de apóio, toda vez que um problema nos preocupa e exige resolução pronta. Acontece, que quasi sempre, vestimos nossas instituições com roupagens americanas ou europeias e a nossa estrutura

economico-cultural pede às terras estranhas as vigas norteadoras.

Ir à Europa ou à América em busca de ensinamentos para a solução de cada novo fenómeno surge em nosso meio, é alimentar as camadas profundas de nosso ser, é agir com mínimo trabalho, é desconhecer as causas primeiras do problema, é não querer a formação de um sentimento brasileiro, consubstanciado em uma experiência cimentada no erro ou na derrota, mas principalmente no esforço. A ausência de conhecimentos de nós mesmos, patrimônio que se obtém por tentativas repetidas, não importa se malogradas, e a falta de tradição, fundamentada em longos séculos de lutas, fazem-nos correr o risco de importarmos instituições e normas que não condizem com a realidade brasileira. E o que se constata no campo econômico, se verifica no cultural: as nossas instituições escolares, empresas ou reformas de ensino, que deveriam estar em função de nossas necessidades e dos recursos que dispomos, alimentam-se em outros meios física e socialmente diversos.

Quando em nosso país se sentiu a necessidade da instituição da Universidade, casa do saber, "destinada à conservação da ciência, à promoção

do seu progresso, à formação de profissionais e de homens que a sociedade necessita, à orientação dos governantes no terreno técnico-científico", abriu-se a discussão. Então, mestres, alunos, dirigentes e dirigidos, entendidos ou não, dissertaram, escreveram verdadeiros tratados sobre as finalidades, características e vantagens dos diversos tipos universitários europeus e americanos, cada qual enxergando no de sua predileção o molde que nos convinha. Após tantas discussões, polémicas, apresentações ou comunicações científicas, enfim toda a maneira de transmitir o pensamento escrito ou falado, passaram do terreno das ideias para o das realizações e tentaram a criação da Universidade no Brasil. Mas que barbaridade! Esqueceram que nunca houve a criação, de pronto, de universidade deste ou daquele tipo, pois estas instituições centro de irradiação cultural, são frutos de fatores especiais e não o resultado de um dispositivo legal ou de uma decisão de eruditos. São as condições econômicas, sociais e culturais de um povo, as suas características fundamentais e inconfundíveis que determinam a forma, o padrão, quasi sempre mutáveis, com que se apresentam as universidades. E' a ação modeladora e

educadora do tempo, polindo as arestas, resolvendo as dificuldades, afastando os conflitos, que consolida, plasma em forma definitiva, o tipo universitário que longe de constituir-se em jacto, forma-se vagarosamente.

E' contraproducente, pois, neste terreno, alimentarmos-nos em fontes estranhas, e adotarmos soluções satisfatorias em outros meios, deixando em segundo plano o estudo das características de nosso povo e dos recursos de que dispomos. A universidade brasileira deverá ser edificada em harmonia com as nossas condições e com a mentalidade do nosso homem.

A adoção de métodos que se completam, o estudo analítico dos fenomenos nas suas diversas variantes, o conhecimento das causas e dos efeitos constituem o plano de trabalho que deveria reger o ensino universitário.

A Universidade poderia, pois, desempenhar a sua função integradora da nacionalidade, com a formação de uma consciência tipicamente brasileira, que conhecedora do que valem, sentimos e desejamos aproximaria, cada vez mais civilização da nossa realidade.

L. FERRÃO

Visita do Governador Ademar de Barros ao Hospital das Clinicas

Na manhã de 4 de julho ultimo o governador do Estado fez a sua primeira visita oficial à Universidade de São Paulo, vindo em companhia de sua exma. sra. d. Leonor Mendes de Barros, receber a homenagem que lhe havia sido preparada.

Estiveram presentes à recepção o Secretário do Governo, prof. Genésio de Almeida Moura; os Secretários de Estado da Segurança e Viação; o magnífico reitor da Universidade, prof. Lineu Prestes; o sr. diretor da Faculdade de Medicina, prof. Renato Locchi; todos os professores da nossa Faculdade, além de inúmeros médicos e estudantes de medicina.

O sr. Governador foi recebido à porta do majestoso edificio por uma comissão integrada pelo magnífico reitor, pelo diretor da Faculdade e pelo presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", doutorando Jorge Barifaldi Hirs, sendo levado ao saguão de entrada, onde teve lugar a primeira parte da homenagem.

Então fizeram uso da palavra o prof. Lineu Prestes que saudou s. exc. em nome da Universidade de São Paulo, o prof. Renato Locchi que o fez como diretor da Faculdade e o acadêmico Alvaro da Cunha Bastos, nosso orador oficial, em nome do corpo discente da Faculdade de Medicina. Por último foi lido interessante soneto, intitulado "Ser médico", pelo próprio autor, frei Angelo, Mario do Bom Conselho O. F. M. que o dedicou ao dr. Adhemar de Barros.

Em sua bela oração o prof. Renato Locchi apreciou os serviços do Hospital das Clinicas, focalizando varios problemas de sua organização que precisam ser solucionados com urgencia. Falou sobre a necessidade de "revisão do serviço de ambulatório, a fim de se permitir que se atenda maior número de consulentes; criação de um corpo oficial de "médicos de clínica", com aproveitamento dos chamados "assistentes extranumerários", medida premente para que se efetive a continuidade de assistência ao doente in-

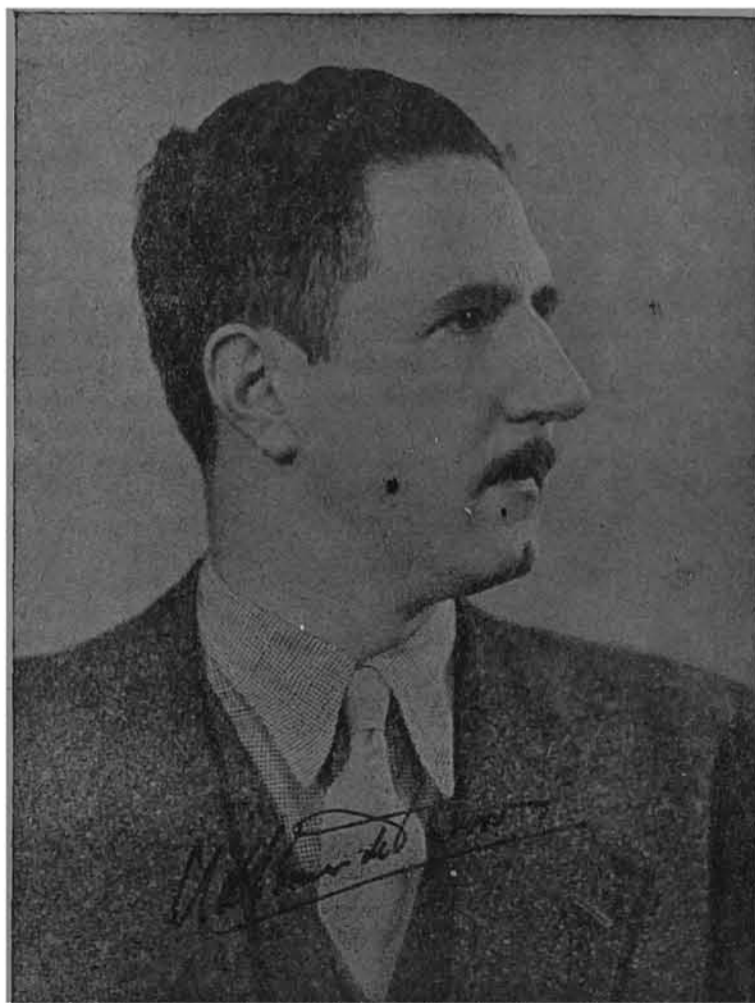
ternado e contribua para resolver o problema dos ambulatórios; amplia-

ria; instalação das clínicas médica e cirurgica que continuam ainda na

ao usar da palavra fez uma exposição de problemas do Centro, dizendo ao sr. Governador da confiança que os estudantes nele depositam. Apreciando o valor do Hospital das Clinicas fez sentir que "nele se aliam: os benefícios causados à Ciência que precisa, indiscutivelmente, de condições materiais adequadas para avançar na procura de seus objetivos; a melhoria do padrão do ensino, possibilitando à Faculdade cumprir, satisfatoriamente, sua missão, como bem quis o idealismo sublime de seus fundadores e, ainda, o impulso que representa na campanha de combate aos males físicos, restituindo ao brasileiro a saúde necessárias para que possa lutar por si próprio e pela pátria". Enalteceu então a pessoa do Governador que tomou a iniciativa de mandar construir tal obra a bem da classe médica e da sociedade, passando a lembrar ao dr. Ademar de Barros a necessidade de que seja completada esta verdadeira "cidade médica" com a construção da "Casa de Oswaldo Cruz" que abrigaria os ambulatórios das Ligas mantidas pelo Centro e seria também a residência para o estudante de medicina. Terminando o discurso, após ter dito da situação precária em que se encontra a Liga de Combate à Sífilis, quanto às suas instalações, reafirmou a esperança dos estudantes de Medicina de que tais problemas vão merecer atenção do Governo.

Depois, então, usou da palavra o dr. Ademar de Barros que, com a sua simplicidade e a sinceridade que lhe são características, manifestou sua gratidão pela homenagem que recebia, reafirmando os seus propósitos de amparo eficiente às iniciativas tomadas pela classe médica. Terminou pedindo fosse dado ao H. C. o nome de "Hospital São Francisco de Assis".

Em seguida, o casal Ademar de Barros visitou várias dependências do Hospital, acompanhado das autoridades presentes.



ção de alguns serviços contrais auxiliares; a fim de diminuir o tempo de permanência dos pacientes na enfer-

Santa Casa; remodelação do serviço de pronto socorro"

O colega Alvaro da Cunha Bastos,

M i c e l a n i a

O primeiro "Bisturi" do corrente ano foi aquela garapa: pequeno como um recém-nascido e sisudo como um velho disiludido da vida. E os "tesouras" que diga-se de passagem, não são poucos, chegaram mesmo a qualificá-lo de órgão da badalagem. Como redator, encolhido lá no meu humilde cantinho eu dei de ombros com indiferença a estes críticos maldosos.

Todavia acho também que o órgão oficial do CAOC não deve ser como uma aula de neurologia do Aidar, seca, monótona e sem açúcar, mas sim como a do nosso Lordy, que é a seriedade pintalgada de pimenta e mel.

Por isso e porque também os humoristas de nossa escola não querem exibir as suas virtudes hilariantes, inibidos pela modestia... vi-me na necessidade de ensaiar uns traços humorísticos e filosóficos capazes de arrancar gargalhadas de raiva a qualquer hipotireoideo.

* * *

1) — OUÇAM ESTA:

O Uszer acha que a coisa mais acertada foi a eleição do Zarzur para segundo tesoureiro. Imaginem que ele é tão pão duro, mas tão pão duro que até o Hirs sente sérias dificuldades para retirar dinheiro da caixa...

2) — E MAIS ESTA:

— Vocês sabiam que o filme "Carmões" é technicolor?

— E' nada. Eu já o assisti e não vi nada de technicolor.

— Baim, é qui u culuridu num pgou...

3) — LIVROS NOVOS

Está no prelo um novo livro de xadrez: trata-se de "Mis peores partidas de ajedrez" (aquelas que tengo jugado sin apostar) de Aronzon, o Roberto Grau, em gordura é claro, da nossa escola.

4) — O PRIMEIRO BONDE ANTES DO ÚLTIMO...

Na sua já célebre aula inaugural, ouvi intimidado lá do meu assento, o prof. Renato Locchi dizer: Concedo apenas 5 minutos de tolerância. Os senhores devem se habituar a tomar o primeiro bonde antes do último...

A profunda impressão que me causou aquele homenzinho esquelético não me impediu que, ao deixar o anfiteatro, fizesse a mim mesmo esta pergunta: Como bolas vou saber qual é o tal bonde?

No segundo ano a mesma cantilena, agora intercalada de uma porção de mesmos do abade Cala-Azar. Sem a timidez de calouro e apenas impressionado com a alta frequência dos "mesmos" eu sai da aula com um sorriso irônico, não mais pensando sobre qual o primeiro bonde, mas apenas refletindo comigo mesmo sobre quão entulhada estava de "mesmos" o centro da linguagem falada daquele mestre.

No terceiro ano veio de novo a mesma história, o mesmo chove não molha: o primeiro bonde antes do último...

Desta vez nem sorri e nem prestei atenção sobre esse ponto.

A vida é porem cheia de imprevistos e assim, quanto menos eu esperava, surgiu-me a resposta daquilo que me angustiara no 1.º ano.

Tomei o bonde com antecedência de quinze minutos. Iria chegar segundos antes do professor por os pés na sala, na hora "G" portanto. Mas cheguei foi na hora "I", porque o bonde esse veículo que carrega pingentes, isto é, gente que fica dependurada como gota d'água — que eu peguei tinha pela frente um camarão. Cheguei pois a conclusão de que o primeiro bonde antes do último é aquele que não tem a desgraça de estar atrás de um camarão...

5) — MÃE.

Todo filho seria incapaz de causar um desgosto sequer a esse ente subli-

me que se chama Mãe, se observasse um pouquinho os animaes.

Que é a galinha senão essa ave covarde que foge amedrontada, mal se desenha no terreiro a sombra assustadora de um gavião?

E no entanto, lá fica às vezes uma galinha como às demais, angustiada, o coração aos pulos, incapaz de abandonar a prole.

E grita espavorida, indignada — sublime indignação — e choca-se contra o peito do abutre e grita e torna a gritar, até que assoma à porta do casebre o filho do Jeca que, com uma estilingada espanta o monstro devorador de pintinhos. E qual o caboclinho que já não sentiu as bicadas da mamãe tico-tico na mãozinha peralta que tentava roubar os filhotinhos, ocultos na folhagem, abrigados nos seus ninhos? Eis o que são as mães.

6) — UM DRAMA

Vesperas de exames. Comecei a torrar feito uma besta velha a Fisiopatologia da Nutrição do Dr. Mario Egídio de Souza Aransa (eu sei, vocês querem que eu diga de uma vez Foca's Book do Foca, mas não digo não). E o tempo foi passando, passando, mas com tal lentidão que ao soarem duas horas, estava tão cansado como um viajante que chega do Triangulo mineiro à cavalo.

Tonto de sono, as letras e as tabelas bailando um furioso swing e as palpebras superiores mais do que nunca sob a ação da gravidade, eu me enfiar sob os cobertores, sem animo sequer para fechar aquele cofre verde que encerra a ininteligibilidade kar-teana.

Num instante fui parar no reino de Somnus, o incomparavel e anhelado paraizo dos fatigados. Um chiado exquisto porem, vindo de não sei onde, sobe num crescendo e de novo eis-me de olhos semi-abertos na penumbra do quarto.

Com o ar bestificado de quem desperta, sentei-me na cama; Morfeu continuava a puxar-me para o seu reino, mas aquele chiado irritante intrigou-me e tornou-se em breve uma força maior e oposta.

O barulhinho, que se fazia cada vez mais nitido, pareceu provir da mesa. Acendi a luz. Espetáculo dramático. Uma barata contorcia-se em dores, virava e revirava-se sobre a mesa, gemia de dar dó.

Fiquei tão apiedado daquela infeliz criatura que pulei da cama disposto a fazer a anamnese o H. P. M. A., e exame fisico e aplicar a conveniente terapeutica, segundo o esquema do Larcazinho.

Não cheguei porem a calçar os chinelos; puz um tampão de algodão em cada ouvido, apaguei a luz e meti-me de novo na cama. Todo o meu esforço para salvá-la seria inutil. Mas também quem mandou ela comer um pedaço do livro do Foca.

7) — COISAS DA MINHA INFANCIA

Isto vai deixar-me desmoralizado. Nasci e passei a minha primeira infância e as duas primeiras fases da meninice, isto é, o turgor primus e a proceritas prima (vide postila de Anatomia Topográfica, pag. 33, linhas 33 e 37) no campo, sendo portanto um autêntico Jeca, sem o clássico amarelão. Para fazer o curso primário, abandonei as galinhas e os patos e creio que muitos lambaris lá no correjo morreram de fome porque eu não mais ia dar banhos frios nas minhocas. No meu primeiro dia em Araraquara, levei um susto que me deixou verde. Também não era para menos. Quando a dona da casa puxou a descarga percebi-me que a água ia inundar tudo...

8) — ARTISTAS

Ninguém ignora que um dos graves defeitos do cinema nacional é este: as

artistas são autênticos abacaxis, e o pior ainda, não sabem representar, não têm força de expressão. No entanto, sei que há muitas brasileirinhas da gema que, se não são autênticas Ingrid Bergmans (a beleza da Sueca é algo que não parece pertencer a este mundo) não ficam devendo nada à Betty Davis.

São elas as mocinhas dos cursos superiores, que, sem se importarem com o estado em que está o nosso cinema, em vergonhosa rabeira, se limitam a desempenhar modestamente e com grande realismo os seus papeis em cada exame, derramando lágrimas, mostrando crises de nervosismo, desmaios, etc., capazes de causar espanto ao próprio Samuel Goldwin. Tenham a palavra os catedráticos e assistentes...

9) — INICIAIS

Mesa (quer dizer, Mário Egídio de Souza Aranha).

A única semelhança que Mesa tem com mesa é a sua calvice polida como u'a bola de bilhar.

10) — LEMBRANÇA DA "HORA DO BRASIL"

"Água filtrada para beber" Não há água filtrada para beber...

11) — EU BEM QUE VI...

O "Bem-te-vi no seu vôo à jacto-propulsão fez um ensaio alado pela "Careta" de onde "catou" a jacto propulsinho a caricatura do caricato "Ge-Ge" para a secção do "Universitário".

Devorar frutos alheios é muito feio seu "Bem-te-vi..."

12) — PROPAGANDA...

Numa revista médica vi este interessante anuncio: Para todos los espasmos, "PAVESIO"... (papaverina e sulfato de magnesio).

13) — PELA "OBRA" SE CONHECE O AUTOR

Aos poetas que vivem excretando dos seus cerebros de monturo, versinhos imundos (no sentido e no significado) atraz de certas portas..., eu aconselho que leiam "Memorias de um cirurgião" de Andréa Majocchi, para que fiquem sabendo o que ele pensa desses academicos baratos, vergonha de todas as escolas, que vivem garatujando palavras, de baixo calão ou não, nas paredes e outros lugares.

Se for a admiração pelo método cartartico que os leva a assim procederem, que vão fazer catarsis nas portas de suas casas...

14) — EXEMPLO DE EMBOLIA

A caloura 22 estacionada numa porta, exemplo de embolia porta...

15) — DOENÇA NOVA...

Wajchembergmania. Esta palavra não existe no Dicionário de termos médicos.

Ass.) O CORUJA

EXPEDIENTE

Diretor — Laertes Ferrão

Redator-chefe — Walter Belda

Secretário — Armando B. Bernardi

Tesoureiro — José Roberto A. Fortes

Redatores:

Adhemar Fiorillo
Alvaro da Cunha Bastos
Frederico Ab Cavalheiro
Lísias Cerqueira do Amaral
Matinas Suzuki
Vicente Amatto Neto

"O BISTURI" aceita colaborações dos colegas da nossa e de outras Faculdades. Os originaes deverão ser escritos à máquina, espaço duplo, assinados, mesmo se publicados sob pseudônimo. Todos os redatores recebem colaborações.

O Conselho Redatorial não se responsabiliza pelas idéias e opiniões dos colaboradores e reserva-se o direito de publicar ou não os artigos recebidos.

Prof. Paulo Cesar de Azevedo Antunes

O governo do Estado tomou acertada e feliz medida ao nomear para diretor do Departamento de Saúde o dr. Paulo Cesar de Azevedo Antunes, professor da Faculdade de Higiene.

Homem de larga visão dos problemas de saúde pública é um grande amigo dos estudantes de Medicina, estando ligado ao nome do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", pois, ainda no ano passado foi o orientador científico da nossa Campanha de Higiene Rural feita no Município de Araraquara, como a primeira Jornada dessa natureza realizada no Brasil.

A cerimonia de posse do prof. Paulo Cesar de Azevedo Antunes realizou-se há dias na sede do Departamento de Saude, tendo sido presidida Fernando de Azevedo. A ela estiveram presentes os professores Jaime pelo sr. Secretario da Educação, prof. Albuquerque Cavalcanti, Geraudo de Paulo Sousa, Airosa Galvão, Borges Vieira, Mauro Pereira Brerreto, varios assistentes, alem dos colegas José Roberto de Freitas Azevedo, Geraldo Bourroul, Irajá Lopes Ribeiro, José Roberto Fortes, Alvaro da Cunha Bastos que representaram os estudantes da Faculdade.

Usaram da palavra o sr. Secretario da Educação, o dr. Ottobri Costa, o orador do C.A.O.C. Alvaro da Cunha Bastos e o orador do Gremio "Emílio Ribas", da Faculdade de Higiene. Por ultimo falou o novo diretor do Departamento de Saude, prof. Antunes a quem o "Bisturi" apresenta sinceros cumprimentos.

Os cruzeiros (Paródia de «As pombas»)

Vai-se o primeiro aluno em, disparada...
Vai-se outro... outro mais... enfim, um bando
De alunos para as aulas vão-se, quando
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

À tarde, no momento em que é fechada
A Faculdade, as máguas derramando,
Pelo caminho em vão desubafando,
Voltam todos cada um a sua morada.

De nossos bolsos, onde se "amontoam",
Os cruzeiros, em longa progressão,
Para a caixa do bar, um por um, voam.

Mas, se os alunos, findo um dia inteiro,
Para o tar voltam, que desilusão,
Aos bolsos jamais volta um só cruzeiro!

Mutavel!

O veriar desta vida
 é o novel da Vida.
 Da treva é da luz
 só o jogo seduz.
 O imutavel aterra
 Como os polos da Terra.
 sem cor sem calor.
 Como o sedento
 que implora um alento,
 em transe de dor.
 Qual mar sem procéla,
 sem marujo, sem vela,
 sem astro a brilhar.
 A plaga infinita
 sem nada que agita,
 cansa trilhar.
 A borrasca d'alma
 seguida de calma,
 que vai, que vem,
 é o lumem eterno
 deste andor sempiterno
 que a Vida contem.

Adhemar Fiorillo



E atira terna filada,
 De traição, a um terceiro.

Ai Jesus, e essa morena
 De cabelo alevantado,
 Do parceiro não tem pena:
 Deixou-o todo... abrasado.

Ah! lá na "boite", um perigo:
 Que reduto de sereias.
 Entrava homem, te digo,
 Fervia o sangue nas veias.

Colos alvos de marfim
 Ou morenos, cor de jambo...
 Pode vir do mundo o fim.
 Por nada mais eu me lambo.

Moças que foram, tão belas,
 A' nossa grandiosa festa!
 Só uma vontade me resta:
 Gostaria de revê-las.

(Especial para "O Bisturi")

Versos de Hidra de Lerna

Boneca de Dedinhos

Angustia

Neste globo em vertigem
 pelo espaço trevoso,
 vou girando,
 rodando,
 em busca de pouso.

Os astros faiscam
 no zimbório sem fundo.
 Vou sempre anciando
 o teto do Mundo,
 sempre à procura
 do solo do Mundo.

Nada. Só astro luzente,
 treva cruciante,
 aljôbada sem fundo
 Vertigem do Mundo.

E a presença sensível
 de um Valor que domina,
 que cria, que tortura, que anima...

Adhemar Fiorillo

Noite de Maio, um colosso

Sucesso fenomenal.

Dansei tanto que só osso

Vi que possuía ao final.

Garota em penca, senhores,

Loirinhas, ruivas morenas.

Que pecadinhos, que amores,

Que glostrosas pequenas.

Pois não é então de amargar

Esta linda criatura

Que vai a noite espiar

Bem presa pela cintura?

Aquel'outra, então, danada,

Vai rodando com o parceiro



Meu amôr

Se quiseres calcular o amor meu...
 Tu certamente errarás a conta...
 Começa, soma as estrelas do céu,
 Olha o lapis... já gastou a ponta

Mas... ainda faltará, é muito pouco...
 Prossegue, gota a gota do mar.
 Tu encontrarás um número louco,
 Que não bastará. Continua a somar...

Em tôdas alvas praias, vai contando...
 Areia mais areia, de grão em grão,
 Mas não esmoreças, ânimo! — vai somando
 Verás no fim, grande número-então!

Chegarás muito longe, muito? — Não sei...
 Multiplica. Põe mais mil, torna a pôr!
 Talvez não acertes, também erre!...
 Pois muito maior é o "meu amor".

Glecio J. A. de Oliveira



Recordação

O sol emaranhando-se em teus cabelos
 Doirando-os; os cachos, caindo em cascata,
 Os arranjos que fazia para vê-los
 Ao luar tornarem-se fios de prata;

Tua saliva doce que eu bebia
 quando tu, envolvendo-me em desejos,
 Após milhões de beijos num só dia,
 Despedia-me com um milhão de beijos;

Os minutos em que doido te amei,
 As horas, os anos que passei a vê-la
 Vivendo por mim — tudo esquecerei;

Mas, levarei até findar os dias meus
 A lágrima, quem me dera, esquecê-la,
 Que derramaste quando te disse — Adeus!

WALTER

Ao Hospital das Clinicas

O' tá que passas apressado
 Entre a infinda labuta que não cessa
 Na busca de um ideal;
 Vem, encontrarás o que procuras
 Vendo erguido, apontando nas alturas,
 O culto de um Hospital.

Contempla os dez andares que se erguem
 Como dez preces puras e sublimes
 Plasmadas no concreto.
 A Caridade quis mostrar ao mundo
 Do humano coração o bem fecundo
 E entregou-lhe o cetro.

Vem, oh! viajante, e esquece o odio,
 A ira, a inveja, o egoismo vil.
 Que lá, muito além do Oceano,
 Nas masmorras sem luz da escravidão
 Luta exausto, ofegante em confusão
 O sentimento humano.

Desfia o olhar, ergue tua fronte
 Para além da granítica montanha;
 Que fulge na amplidão!
 Além dos astros de piscar doirado
 Onde o Cruzeiro cisma ajoelhado
 Em mística oração!

E aí, então, compreenderás talvez
 Que sobre o horror, a confusão e a morte,
 Branca, serena e bela,
 A Caridade esterilizando a dor
 Transfigura-se em cânticos de amor,
 Em meio da procéla.

A Caridade, que num gesto nobre,
 Ergueu sozinha, este Hospital imenso,
 Curando a chaga e a dor!
 Num gesto igual ao Médico Divino
 Que disse: Vinde a mim o pequenino
 E dêle o meu amor.

Lá na penumbra onde as coisas mudas,
 Gemem ao compasso secular das horas,
 Que o tempo faz passar,
 Vultos esguios, brancos, debruçados.
 Sorrindo à morte e fazendo ousados
 O bisturi falar.

É junto a obra caridosa e bela
 Ergue-se a Escola onde sábios mestres
 A ciência ensinam.
 Os estudantes num afan fecundo,
 De dominar a dor e de curar o mundo
 O coração ensinam.

E agora entra, oh! viajante afoito
 Mas traz contigo junto ao pensamento
 Um ideal traz
 De realizar milagres pela terra inteira;
 Fazer da Cruz a grande pioneira,
 No cântico da Paz.

Stella Galão Freire ((do H. C.)

Os estudantes de medicina e o interesse atual pela psiquiatria

O estudo da Psiquiatria vem desde há alguns anos despertando os interesses especiais de todos os estudantes de Medicina, que vemos nele um dos componentes básicos da formação da bagagem, de conhecimentos médicos com que enfrentaremos, lá fora, a vida prática. E foi mesmo como um reflexo da necessidade de divulgação maior de conhecimentos sobre o assunto e da preocupação crescente por parte dos alunos pelos problemas ligados ao tema, que o C. A. O. C., no tempo da Diretoria Burza, fundou o Departamento de Psicologia Médica e Psicanálise. Este Departamento, promovendo no ano passado um curso sobre Temas Práticos de Medicina Psicossomática despertou enorme afluência de médicos e alunos de todos os anos, não apenas de nossa Escola como também da Escola Paulista de Medicina. Trouxe assim em mais vivo contato com todos os estudantes, assuntos com os quais talvez nem mesmo no final do Curso, por ser Psiquiatria cadeira de semestre, ser-nos-ia dada a oportunidade de apreciar. Presentemente, nos cursos de aperfeiçoamento — “Semiotica e Psicologia Dinâmica aplicadas a Psiquiatria” — que vem sendo realizados no Hospital das Clínicas pelos Drs. Anibal Silveira e Darci de Mendonça Uchôa, grande é a frequência dos estudantes. Estes vários cursos não apenas vem estimulando o estudo da Psiquiatria como também tornam cada vez mais vivo o interesse pela apreciação do problema na parte que nos toca.

Desde há algum tempo, auscultando as opiniões dos alunos e alguns psiquiatras de São Paulo, fomos levados a conclusão de que os estudantes, pela primeira vez em nossa História, querem abordar o problema da Psiquiatria em nosso meio, sentem a necessidade e a oportunidade de abordá-lo.

E' assim que, assunto de transcendental importância e mesmo imprescindível na formação de uma boa cultura médica, vem sendo o seu estudo, nos Estados Unidos da América, alvo de especial carinho. Orientados pela Escola de Adolfo Meyer os americanos do norte fazem nos três primeiros anos do curso Psicologia Médica, havendo a inclusão nos programas oficiais nos quatro anos seguintes, de Psiquiatria. Voltam os médicos recém-formados a se dedicarem ao estudo da mesma disciplina quando passarem pela enfermagem de Psiquiatria, no internato

obrigatório de dois anos, após terem adquirido o título de Pr. D.

Aquí entre nós, pelas informações obtidas, a cadeira sendo de semestre apenas consegue dar noções básicas de Psicologia e leve esmalte de Psiquiatria.

Depara-se-nos assim um problema muito nosso, para a solução do qual precisam os estudantes dirigirem-se aos hospitais psiquiátricos. Dentre eles, pelo número de doentes, pelos recursos e pela oportunidade que apresenta, assim como pelo interesse de estudo, pela pesquisa e pelo trabalho de equipe que desperta, temos a breve distancia de São Paulo o Hospital do Juquerí.

Foi o Juquerí, desde a primeira turma da Faculdade de Medicina, em 1918 até há alguns anos atrás, o cadinho no qual forjaram-se e retemperaram-se os nossos psiquiatras, que desde a época de estudantes tinham livre acesso aquele Hospital. Recebendo pequena remuneração pelos valiosos serviços prestados aos médicos nos varios setores da gigantesca atividade hospitalar, que lá se desenvolve, permaneciam como internos até o fim do curso, após o qual eram aproveitados.

Desde há alguns anos, entretanto, cessaram-se as portas daquele grande Hospital, apesar da crescente necessidade de médicos psiquiatras em nosso meio, e da enorme fonte de estudo que lá existe. Constá o Hospital Central do Juquerí de 18 pavilhões tendo cada um cerca de 200 leitos, com um movimento médio durante este ano de cerca de 300 doentes por mês. Além disto há 8 Colonias tendo em média 600 doentes cada uma. Surgem, assim, ali, todos os problemas da Medicina, pois existe uma população atual de quasi 10.000 doentes. Havendo secções como Biotipologia, Neuroradiologia, Laboratórios, etc etc., e mais este elevadissimo número de pacientes, que ao lado do tratamento especializado necessária de acurado estudo clínico, deduz-se com facilidade dos benefícios reais que surgiriam para o Hospital e para os estudantes na re-inclusão dos mesmos nos postos de trabalho no Juquerí.

É a opinião de um profundo conhecedor do assunto de que são necessários cerca de 20 estudantes para aquele nucleo hospitalar, sendo que estes, colaborando ativamente, seriam orientados não apenas em Psiquiatria como também em Clínica.

Surgiria sem duvida o problema dos transportes e dos horários de trabalho para os estudantes. A experiencia do passado demonstra, contudo, que são perfeitamente conciliáveis os horários dos cursos da Escola e dos trabalhos no Juquerí, assim como é possível de uma boa solução o problema dos transportes.

Levantada e posta assim a questão, cumpre agora ao C. A. O. C., representante e paladino de nossos interesses juntamente com o Centro de Estudos “Franco da Rocha”, por intermédio da Diretoria da Assistência aos Psicopatas, apresentar junto à Secretaria da Educação e Saude, o pedido para a criação de cargos de estudantes estagiários e internos, em número ne-

cessário e suficiente, para o Hospital do Juquerí. Tornar-se ainda oportuno que o nosso Centro, em visita da reforma da Assistência dos Psicopatas, ter sido decretada, mas não regulamentada, e, segundo consta, não cogitar do problema dos estudantes, bater-se pela defesa da inclusão dos alunos de medicina naquela reforma.

Estas medidas, vindo ao encontro das aspirações de muitos estudantes e visando também o estímulo ao estudo da Psiquiatria, vão criar, em futuro próximo, novos psiquiatras em São Paulo, levando cada vez mais alto o prestigio de nossa Escola e do nosso Centro.

Armando Botter Bernardi

Dr. Maranhão

Esteve no dia 1.º de Maio, próximo passado, na cidade progressista de Pirituba, o erudito conferencista dr. Odon Maranhão, diplomado após um curso de raro brilhantismo pela famosa Universidade daquela cidade.

Convidado esteve lá a fim de realizar uma conferência, que constava do programa das comemorações do dia do Trabalho.

Recebido na “gare”, pelo delegado de Polícia, outras altas autoridades, além da célebre “furiosa” a tocar “Eu quero é Roseta”, o ilustre visitante foi levado a conhecer os recantos pitorescos da urbe, tais como o jardim, o cinema, o forum, etc. À noite, no picadeiro, às horas aprazadas, teve início a conferência de tema “A Arte de dar Palpites Errados em Assembléa”, sendo, a mesma irradiada pela PR local e retransmitida para todo o Brasil, pelo “Serviço de Altos Falantes de Piracáia”. Com grande eloquência começou a conferência o ilustre médico, sendo que o auditório era constituído por um apreciado número de pessoas. A horas tantas, os que se atreviam a ouvir já eram poucos, e quando mais insistia o insigne conferencista em sua monótona oração, ain-

da mais se reduzia a assistência. Até que após de duas horas e meia, isto é, de nove mil segundos, pôs termo finalmente à inesquecível conferência.

Apenas duas pessoas achavam-se presentes no recinto.

No dia seguinte, pelo primeiro trem da manhã regressou o dr. O. Maranhão, certo que na cidade de Pirituba havia somente duas cultas pessoas capazes de ouvi-lo e compreendê-lo, pois as demais, infelizmente, não desfrutavam de capacidade para tanto.

No mesmo dia, quando o zelador do recinto foi abri-lo para a limpeza, encontrou duas pessoas. Uma era um surdo-mudo que roncava alto, parecendo um aluno durante uma aula do Calazans; a outra era um pobre aleijado a clamar em vão: “Quem foi o espirituoso que me carregou as mulhetas?”

PROVÉRBIOS

Mais vale almoçar ouvindo barulho de pratos no H.C., do que almoçar (?) no bar da Faculdade ouvindo música.

Mais vale um cruzeiro por almoço na mão, do que dois voando. — *Odo-rico.*

A Faculdade se moderniza

E' voz corrente que a Faculdade de Medicina vai aos poucos vivendo às custas das suas realizações no passado.

Ainda mais, que há aquí um cheiro de mofo, de antiguidades, enfim dum museu de velharias.

Assim é que, afirmam as más linguas, acabando as cãs daqueles que que galgaram às catedras há decenios a Faculdade se fechará. Tudo isso é maldade.

A Faculdade de Medicina continua sempre se modernizando. O sistema de notas mudou (quem diria?!); a fisiologia distribue papeletas das pranchas, o Mauricio já come bola, os exames aumentam em número de ano para ano, são os exames, as provinhas; etc.; os exames são feitos em forma de testes (2.500 perguntas) — dissertações sintéticas — em 60 minutos, às vezes em 90 minutos, conforme a benevolencia do mestre, etc.

E' verdade, a Faculdade progride, ela não para. E, pasmem os senhores, a maior inovação de todos os tempos apareceu.

O negocio foi assim: — “O mestre entrou na sala de exames 5 minutos antes das 10,30. Bateu

palmas e obrigou à macacada a ficar nos galhos (carteiras). Isso feito passou aos avisinhos:

Não é permitido cola; não é permitido trocar de lugar; não é permitido pedir cigarro; não é permitido pedir fosforos, não é permitido pedir chocolate, balas e bombons e, não é permitido ao professor para “ir lá fora”.

Terminado o discurso com a adição das conseqüentes medidas de repressão — abaixar nota, advertencia mutua e tomada da prova — apareceu algo que surpreendeu.

Um monstro apareceu sobre aquela mesinha da sala de exames. Era algo que imprimia.

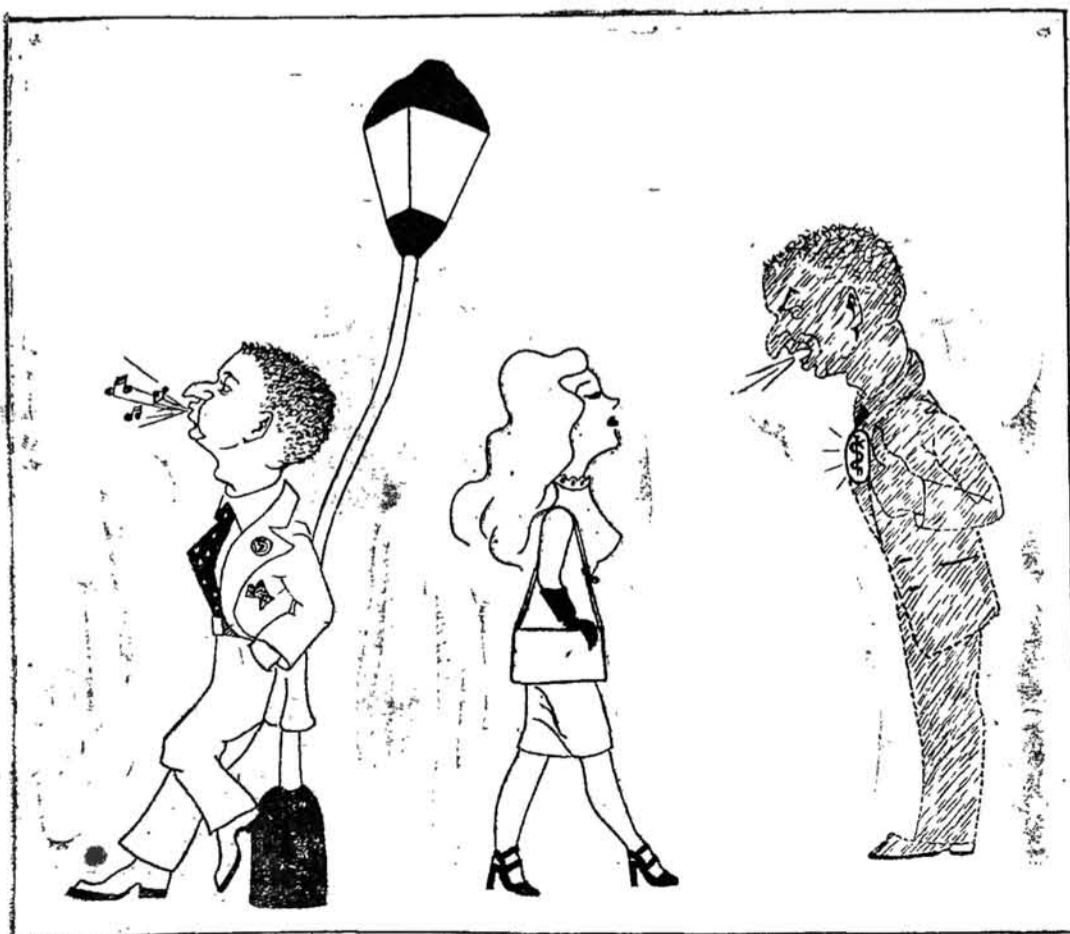
De um lado um Rh empurrava um calhamaço de provas, do outro um cogumelo recolhia as provas que uma Reação de Wassermann fazia rodar, e, imperturbavel com a “ex-rose ministerial” de uma Parkes 51, “ele” assistia às provas.

E' a tecnica Norte-Americana que moderniza a Faculdade.

Quem me dera estar no segundo ano para realizar provas mimeografadas.

Ah! A Faculdade se moderniza...

MINISTRINHO



Comendador K-louro por fora e por dentro...

Os nossos problemas

O ante-projeto da Constituição Estadual já está pronto. Percorrendo superficialmente a fonte donde sairá a Constituição definitiva, demoramo-nos mais na leitura do capítulo referente à Educação.

Muitas de nossas aspirações ali estão em letra de forma. Esperamos que tendo elas agora força de lei não se tornem totalmente esquecidas.

Uma delas ressalta pela sua importância — a autonomia para a Universidade.

Ainda não apanhamos até que ponto irá essa autonomia.

Teremos de fato uma Universidade de São Paulo a tratar de seus problemas e, fato fundamental, da reforma do ensino em São Paulo, ou continuaremos a sofrer os descalabros das reformas feitas nos gabinetes ministeriais?

Esperamos que essa autonomia seja total. A seriação, a distribuição da matéria de estudo, o entrosamento das cadeiras deve ser feito por quem entenda da matéria, por quem a ela esteja ligado e por aqueles que presentemente sentem os problemas a ela inerentes. Esta hipótese realizada, e nos parece quasi certa pela leitura do ante-projeto, torna-se oportuno levantarmos novamente o problema da Frequência Livre às Aulas Teóricas.

Várias gerações já passaram por estes bancos e grande sempre a realização das promessas feitas por sucessivas Diretorias do C. A. O. C., da realização deste problema.

Hoje deixou de haver motivo para que tal não se dê.

A autonomia da Universidade praticamente está resolvida, a novel Diretoria desta Faculdade é favorável a essa aspiração apoiada por grande parte do corpo docente, e nós ainda continuamos no sistema ultra-arcaico da chamadinha.

A frequência livre às aulas teóricas não pode tardar mais.

Alem do problema melhoria do ensino que em grande parte seria resolvido há ainda a considerar o problema do estudante que trabalha.

Grande é o número dos que trabalham de noite para que possam um dia ver coroados anos de sacrifício. A frequência livre às aulas teóricas resolveria em grande parte o problema do tempo livre para estudo, tempo esse que o horário atual da Faculdade tornou mínimo principalmente nos três primeiros anos.

Senhores Diretores do C. A. O. C., a finalidade principal do C. A. O. C., é cuidar e resolver os problemas dos estudantes de medicina e assim sendo, achamos que já não se justifica a demora em se atender esta solicitação dos alunos.

W. B.

Homenagem a Arnaldo Vieira de Carvalho

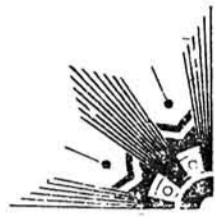
Na manhã de 5 de junho p.p. teve lugar, nos jardins da Faculdade, em frente ao busto de Arnaldo a solenidade comemorativa de mais um aniversário da morte do fundador e primeiro diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Tal cerimonia foi presidida pelo prof. Renato Locchi, diretor da Faculdade e contou com a presença de todos os srs. professores.

Usaram da palavra nesse ato o prof. Pedro de Alcântara Marcondes Machado, em nome da Congregação, o prof. Ernesto de Sousa Campos, pela Associação dos Antigos Alunos e o acadêmico Roberto Brolio, 2.º orador do Centro, que falou em nome dos estudantes.

Prof. Renato Locchi

Novo Diretor da Faculdade de Medicina



«Simbolo de honradês, cultura e dedicação ao trabalho»

Posse solene da Diretoria Hirs

(Conclusão da 2.ª página)

são algumas das que reputamos necessárias para que sejamos mais beneficiados em nosso campo de trabalho. Mas, não somos egoístas a ponto de esquecer do auxílio de que também necessitam as classes trabalhadoras. Pensamos, mesmo, que se o Governo quer ter o apoio popular deve, antes de mais nada, voltar-se para o proprio povo, numa política de amparo efetivo às classes menos favorecidas.

São precárias as condições em que se encontra grande parte da nossa população no que se refere, por exemplo, à desnutrição dos indivíduos e à ausência dos princípios elementares de higiene. Urge um trabalho intensivo e bem orientado para modificar essa dolorosa realidade, trabalho que deverá constar, fundamentalmente, de um auxílio positivo aos que necessitam de urgente lenitivo à sua dor física, de cura à sua doença. Melhorar as condições higiénicas e nutrir convenientemente as populações, é emprestar à Pátria uma colaboração útil, cheia de dignidade e valor.

Todo o zelo que for dispensado a questões dessa natureza será revestido de alta significação patriótica. Todas as iniciativas que surgirem nesse sentido serão os primeiros passos para a conquista da já tão proclamada — mas ainda somente almejada — posição de destaque do Brasil no concerto das grandes nações.

FINAL

Colegas! São para vocês as nossas

últimas palavras, nesta noite de festa. Unidos pela nossa amizade, permanecemos com os olhos fixos no objetivo que nos movem a esta Escola. Lutemos, desassombadamente, para que se nos assegurem os nossos direitos e, de posse deles, pugnemos pela grandeza da nossa Faculdade.

É o seu prestígio, cada vez maior, o que almejamos. Dele queremos os ensinamentos que serão os alicerces do edifício que cada um de nós pretende erguer — o edifício da nossa cultura médica. Com ele iremos, convictos, à luta pelo nosso ideal — o exercício sublime e sagrado da Medicina.

O orador terminou seu brilhante discurso sob calorosos aplausos dos presentes, após o que o Sr. Prof. Renato Locchi deu por encerrada a primeira parte da sessão.

Seguiu-se uma esplêndida audição da Orquestra Universitária de Concertos dirigida pelo mestre Dr. Léon Kaniesfsky, conjunto musical que já se impôs nos meios culturais de São Paulo. Foi apresentado excelente programa de música fina, tendo estado a primeira parte a cargo do Coral, acompanhado pela mesma Orquestra. Tal foi o interesse da assistência pela exibição da Orquestra Universitária que quasi todos os números foram bisados, merecendo os mais francos elogios.

18 de Abril de 1947 foi pois, um dia marcante no calendário social do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”

Luta contra a tuberculose

Na grande campanha a ser lançada, em todo o País, dentro de alguns meses, pelo Serviço Nacional de Tuberculose, campanha que congregará todas as forças de que dispõe o governo para essa finalidade, ao Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” caberá papel preponderante numa colaboração decisiva.

Será, com efeito, uma oportunidade impar para que nós, estudantes de medicina, tenhamos de empenho destacado e concretizemos nossa já idealizada Liga de Combate à Tuberculose, com o início de suas atividades. Assim reeditaremos aqueles memoráveis dias do passado em que, estudantes desta mesma Faculdade, animados pelo nobre ideal de trabalhar pela saúde do povo, fundaram a Liga de Combate à Sífilis, cuja obra médica social é marcante por sua real proficiência.

À nossa geração está reservado o momento de realizar algo de grandioso na história do Centro. Temos a ventura de avançar mais um passo nessa missão nobilitante de mitigar as dores do povo sofredor. E em se tratando da tuberculose, a iniciativa virá atender a prementes necessidades de numerosos indivíduos.

O Serviço Nacional da Tuberculose já demonstrou, de modo patente, o interesse que tem de contar com a nossa colaboração, doando-nos — na gestão da Diretoria passada — um aparelho Manoel de Abreu, o qual nos será entregue logo tenhamos um dispensário para sua instalação.

Nas iniciativas já levadas a efeito para a obtenção desse dispensário, capacitamos-nos logo das dificuldades materiais existentes para alcançar tal objetivo. No entanto, levando-se em conta o fato de necessitarmos, urgentemente, desse local apropriado de trabalho, nada nos deterá para sua conquista. Aliás é de pensamento geral a construção de um dispensário em que possam funcionar as Ligas de Combate à Sífilis, ao Câncer e à Tuberculose. Tal, evidentemente, possibilitará aos estudantes um desempenho aprimorado, causando incalculáveis benefícios a nós próprios — possibilitando-nos melhor aprendizado — e também aos pacientes que terão assistência médica mais completa. Alem disso, outro problema será assim solucionado, qual seja o de atender à situação atual da Liga de Combate à Sífilis que, dentro em breve, terá de abandonar suas antigas instalações na Santa Casa, por deliberação da mesa Administrativa daquele Hospital.

Tais são os motivos que nos deverão levar com decisão a um trabalho intenso, traduzido por uma campanha monstro, em que todos os alunos da Faculdade deverão estar unidos, onde todas as nossas forças deverão ser mobilizadas — a Campanha Contra a Tuberculose.

Os passos iniciais já se estão dando, os planos fundamentais da grande jornada já estão traçados. Lancemos à terra, pois a semente que amanhã será, por certo, árvore frondosa; e estruturamos a nossa Liga de Combate à Tuberculose que as gerações futuras saberão manter, tornando-a um orgulho de todos aqueles que aqui passaram e aprenderam a estimar o nosso glorioso C. A. O. C.

Maio de 47 — Alvaro da Cunha Bastos

SOCIEDADE DE ENDOCRINOLOGIA E NUTRIÇÃO

Dentro da Faculdade de Medicina existe uma sociedade de que é mais antiga que o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Apesar dos períodos de obscurantismo a Sociedade de Endocrinologia e Nutrição dos Alunos da Faculdade de Medicina, vai aos poucos tomando o seu lugar devido no seio da classe médica.

Tem essa Sociedade a finalidade de chamar a atenção dos estudantes

e medicos para o problema fundamental do nosso povo que é a alimentação.

Para isso tem organizado cursos de aperfeiçoamento e palestras não só para estudantes e médicos, como para leigos.

A Sociedade é dirigida por alunos da Faculdade que constituem uma Diretoria que é reeleita todos os anos.

Para reger os destinos da Sociedade de Endocrinologia e Nutrição no ano de 1947 foi eleita a seguinte Di-

retoria:

Presidente: Walter Bloise
Vice-Presidente: M. Gotto
1.º secretario: Glecio O. Jesus
2.º secretario: João Alvarenga Rossi
1.º tesoureiro Emil Sabbaga
2.º tesoureiro: N. Barreti
Bibliotecaria: Enide Nascimento
Orador: Walter Belda

A' novel diretoria da Sociedade de Endocrinologia e Nutrição “O Bisturi” envia sinceros parabens e votos de grandes realizações.

Secção científica - Noticiário Morte por compaixão

Esta nova secção que hoje passa a figurar no Bisturi destinase a informar aos colégas de tudo quanto se realiza nos meios científicos brasileiros e em especial as realizações do Departamento Científico do Centro Académico “Oswaldo Cruz”.

Encontrarão os colégas, por estas colunas uma síntese do que foi prometido e no momento está sendo realizado, pela actual directoria do Departamento Científico.

REVISTA DE MEDICINA: — Dentre as realizações do Departamento Científico, actualmente sob a presidência do sr. Manoel Munhoz é sem dúvida a Revista de Medicina uma das que levam aos meios que estão fora do ambiente da Faculdade, uma noção da actividade científica dos alunos da Faculdade de Medicina.

Assim sendo, é natural que se procure dar á Revista uma orientação bastante científica e prática e com esta finalidade é que o actual Presidente resolveu organizar as seguintes secções em caracter definitivo: a) **ARTIGOS ORIGINAIS** — onde se dará publicação aos trabalhos realizados por médicos e alunos e que tenham interesse geral. Esta secção prestigiará em particular os trabalhos dos alunos, procurando assim desenvolver-lhes o espirito científico. b) **AULAS E CONFERENCIAS** — um dos problemas que mais dificuldades traz aos alunos é encontrar um modo de estudar determinados pontos do programa, que nos livros, existem de maneira esparsa e incompleta. Procurando contornar tal dificuldade, esta parte da Revista, transcreverá as aulas e Conferencias que satisfaçam estes quesitos assim como publicará artigos didáticos organizados por professores e atenderá sempre que possível ás solicitações dos colégas. c) **REVISTA DAS REVISTAS** — Com a finalidade de manter os colégas á par do que de mais interessante publicam as revistas da especialidade, esta secção destinase a apresentar uma síntese dos artigos mais interessantes nelas publicadas.

Finalmente, ainda em caracter experimental, estão as secções de “Noticiário” das actividades científicas e “Publicação Recebidas”, onde serão mencionadas as publicações médicas enviadas ao Departamento Científico, assim como uma relação dos artigos nela existentes. Dentro de poucos dias serão distribuídos os números de JANEIRO E FEVEREIRO sendo que os de março e abril já estão em preparação.

CURSOS DE FÉRIAS: Nas férias de fim de ano, foram realizados pela actual directoria 26 cursos, abrangendo uma variedade de temas. Entre eles destacamos os cursos sobre o “fator Rh.” dado pelo Dr. C. Silva Lacaz, O. Melloni e H. Ferreira; sobre “Moléstias Infecciosas” pelo Dr. Oscar Monteiro de Barros e o de Medicina de Urgência realizado em colaboração com o Pessoal do Pronto Socorro do H. C. Todos estes cursos tiveram uma centena de frequentadores durante seu transcorrer. Estão sendo organizadas apostilas das aulas de Medicina de Urgência que dentro em breve serão postas á venda.

LIGA DE COMBATE A SÍFILIS: Continuando as suas actividades que datam de longos anos, realizou a Liga de Combate á Sífilis, no período de março de 1946 a fevereiro de 1947, sob a gestão do então doutorando Luiz Pedalini, um dos movimentos mais satisfatórios conseguido até hoje, bastando para isto assinalar que neste período foi conseguido um recorde em altas para doentes matriculados pois seu número atingiu a 73 pacientes.

Neste período foi registrado o seguinte movimento: 28675 injeções assim distribuídas:

51733 de noarsenamina
751 de arsenox
3119 de iodeto de sódio
863 de cianeto de mercúrio
18111 de bismuto
48 de acetilarsan
610 de biiodeto de mercúrio.

Neste mesmo período foram atendidos 1342 doentes novos, sendo:

627 homens
621 mulheres
94 crianças.

Destes doentes, 771 foram postos em observação, sendo que entre os adultos foram matriculados 539, assim fichados:

Lues I — sero negativo: 7
Lues I — sero positiva: 39
Lues II — localizada: 96
Lues II — generalizada: 35
Lues III — generalizada: 28
Lues pseudo latente: 310
Lues congênita tardia pseudo latente: 11
Lues tardia congênita distrófica: 1
Lues congênita tardia virulenta: 3
Lues nervosa: 6

Dos doentes novos, crianças foram matriculadas 32, sendo:

Lues congênita tardia pseudo latente: 23
Lues congênita tardia distrófica: 7
Lues congênita tardia virulenta: 2

Dos doentes já matriculados foram atendidos em consulta cerca de 4326. Foram realizadas graças á gentileza do Dr. Humberto Cerruti cerca de 2102 reacções de Wassermann, no laboratório Central da Santa Casa e Hospital N. S. Aparecida.

No laboratório da Liga foram realizados: 404 exames de urina, 11 de fêzes, 34 de pesquisas directas de treponemas e 3 hemo sedimentações. Foram tiradas 125 redioscopias e 3 radiografias.

O número total de matriculas ao fim do período assinalado atingiu a 29715.

CAMPANHA DOS MICROSCÓPIOS: O Presidente do Departamento Científico continua enviando esforços no sentido de serem adquiridos nos Estados Unidos e vendidos ao preço do custo aos colégas cerca de 50 microscópios, inicialmente, por intermédio da Organização Rockefeller, sendo que os entendimentos tem sido muito satisfatórios.

REUNIÕES QUINZENAIS: Cumprindo o que havia sido prometido, estão sendo realizadas quinzenalmente, (6.a feiras) apresentações de casos no Hospital das Clínicas. Estas apresentações são feitas por alunos e dirigidas por Professores e são realizadas no anfiteatro do oitavo andar ás 16,30 horas segundo avisos que são afixados no quadro geral.

CINEMA EDUCATIVO: O Depar-

A eutanásia tem despertado a atenção de muitos e estudiosos. Hostilizada, rejeitada por todas as legislações do mundo, volta e meia torna a ser ventilada por seus partidários. E parece que a idéia, lentamente, vai tomando corpo.

O comentário que vamos fazer foi suscitado pela leitura de artigo em revista norte-americana.

Foi fundada no Estado de Nova Iorque a Sociedade Americana Pró-Eutanásia, que solicitou permissão oficial para seu funcionamento. Conta já milhares de médicos e sacerdotes entre seus membros. Os fins da sociedade são bastante humanos: proporcionar morte calma, tranquila e pacientes incuráveis, em longa agonia, padecendo de dores irremediáveis.

Embora a ciência se encontre em fase de notável desenvolvimento e o arsenal terapêutico das dores seja imenso, há ainda moléstias que desafiam as drogas e os preparados, submetendo os homens a longos e terríveis sofrimentos. E nós assistimos a tudo isso, sem nada poder fazer para minorar os seus padecimentos. Por que não tirar a vida de um ser, que morre aos poucos, para o qual não há esperanças de salvação?

O “coup de grâce” que aplicamos a um cavalo que quebra a perna, ou a um cão doente ou ferido, deverá ser aplicado nos seres humanos, pois cruel e deshumano seria negar-se-lhes.

Evitaríamos, desse modo, o sofrimento do paciente, e dos seus familiares.

Assim, teriam descanso os dementes, os sofredores de alucinações dolorosas, e o grande número de portadores do terrível cancer. Só nos E.E.U., em 1945, morreram 172.000 cancerosos.

A Sociedade Americana pró-Eutanásia pede regularização afim de poder legalmente, sem as sanções penais, dar repouso e paz aos sofredores de males incuráveis que os invalidam e tornam inúteis á familia e á sociedade.

Assim, colocam o doente a par de sua situação perante a familia e ele pode optar e solicitar a “morte misericordiosa”, assinando o pedido, juntamente com o médico.

O Departamento Científico em colaboração com os Departamentos de Cinema Educativo do C. A. O. C., e do Fundos Universitários de Pesquisas, realizará quinzenalmente sessões cinematográficas de divulgação científica.

Para o próximo número do Bisturi, prometemos voltar com outras novidades.

José Leite Fernandes

Redator — Científico

C. C. Sacador!!!

UNIVERSIDADE DE S. PAULO



GABINETE DO SECRETARIO

São Paulo, 6 de Maio de 1947

Ilmo. Sr. C. C.
Redação de “O Bisturi”
Nesta

Muito obrigado a V. Sa. pelo seu artigo “Não pode!!!”, mas peço permissão para fazer um pequeno reparo na frase que me é atribuída e que de fato uso sempre: não é “você vai indo com a farinha” e sim: “você vai indo com o milho”.
A frase é esta: “Quando você vai indo com o milho, eu já estou de volta com o fubá”

Cordialmente,

tamente com dois membros da familia.

Este pedido e mais o atestado do médico vão ao juiz que nomeia um conselho de três membros (dois médicos e um familiar) que conversarão longamente com o doente para verificar se este não muda de idéia.

Naturalmente não é uma sentença que o doente assina, pois pode renunciar na última hora. Dêsse modo, por meio de injeções e narcose, dorme o doente para não mais acordar.

Numerosas objeções surgiram e surgirão contra a idéia; umas de ordem moral, outras de ordem religiosa.

Mas, assim como a ciência tem prolongado a vida, urge também o direito legal de tirá-la aos desenganados que optarem por uma morte tranquila.

— Dirão que a eutanásia é contra todos os principios morais e contra os ensinamentos de todas as religiões. O mandamento diz: “Não matarás” — A este argumento invocado pelos sacerdotes, os defensores da eutanásia contrapõem o fato de aqueles abençoarem espadas, navios de guerra que vão ceifar milhares de vidas jovens. São dois pesos e duas medidas.

— Dirão que o sofrimento faz parte da lei de Deus para o bem e salvação da alma e que não devemos intervir — neste caso, dizem os eutanasiastas, também devemos nos opor ao uso de anestesia ou de qualquer alívio ao sofrimento que o médico possa dar.

— O Todo Poderoso é quem decide quando a vida deve terminar. Então respondem os eutanasiastas, todos os médicos estariam errados prolongando a vida, curando os pacientes.

— A esperança é a última que morre; um paciente tido como incurável pode ter amanhã descoberta a sua cura. Um paciente com cancer metastático pode ser considerado morto, embora ainda respire.

— Dirão também que o desespero da dor pode levar o individuo a solicitar a eutanásia; mas há também os parentes, as testemunhas, o conselho dos três e o atestado do médico que naturalmente colaborarão para que não seja deturpada a aplicação da eutanásia. “A boa morte, o alívio misericordioso, o “coup de grâce” só deve ser aplicado, quando não houver mais meios, recursos para restaurar individuo, quando a morte fôr iminente e inevitável e é o mais simples dos direitos do homem escolher uma morte rápida, fácil, em lugar de lenta e horrível”.

Outros vêem na eutanásia forte lesão aos principios da solidariedade humana, afirmando que ela “revoga os ditames da lei natural que impõe, para com o semelhante, a assistência, o carinho e o amparo...”

Enfim, tão complexo é o problema, que tem empolgado juristas, médicos, sociólogos e filósofos. Ocioso é dizer que em todos os campos, se bipartem as opiniões. De lembrar o caso de Helena Moller, que assassinou a própria mãe para evitar-lhe os cruéis padecimentos de incurável moléstia. Julgada por um tribunal popular, em Genebra, Helena Moller foi absolvida. Tal decisão provocou acerbas criticas de um lado, e recebeu incondicionais aplausos, de outro, o que vem provar que realmente há forte luta entre parientes e inimigos da morte por compaixão.

Vamos deixar que as coisas evoluam. Vencerão os favoráveis á morte misericordiosa?

Continuará predominando a opinião hostil á eutanasia? Nada se pode dizer por enquanto. Pelo nosso lado, desejamos que a Medicina, em algum tempo, chegue a derrubar, isso sim, o incômodo conceito de “moléstia incurável”.

SCHARIF KURBAN

«As nossas colegas enfermeiras...» e mais «Nosso restaurante»

Cabe-nos a tarefa árdua, embora interessante de fazermos mais uma réplica ao colega Vão Bobo e de respondermos ao jovem O. Góes de Moraes, pelos seus artigos publicados no último número de “ O Bisturi ”.

Com relação a carta dirigida ao dr. K. K. de autoria de Vão Bobo, devemos rebater, antes de mais nada a insinuação maligna feita pela articulista quando diz que conhecíamos “in loco” os apartamentos das meninas. Se não nos falha a memória, o que dissemos por ocasião da primeira réplica ao ilustre colega foi o seguinte: “os apartamentos aí situados, etc... etc...” (estas conclusões são tiradas pela observação da residência provisória dos médicos estagiários que também esta instalada em enfermarias...).

Portanto, caro amigo, foi apenas uma conclusão por comparação, acrescentada naturalmente de referências feitas pelas próprias meninas em conversas.

A respeito da sala do 5.º andar, temos a impressão de que a mesma não merece nenhuma crítica. Tal sala foi instalada pela própria Direção da Escola de Enfermagem nas instalações dessa Escola, que provisoriamente ocupam espaço no H. C. Se os alunos não dispõem de uma sala idêntica na Faculdade é porque os esforços empreendidos nesse sentido ainda foram poucos. Porém, as nossas colegas alunas da Faculdade, parecem que já estão muito bem! E aproveitamos para dizer-lhe que o Hospital não é lugar para os alunos dormirem e muito menos a sala do dr. Tisi! (Devemos fazer uma ressalva aqui; os alunos podem dormir durante as aulas, mesmo no Hospital, porém, as “pestana” que se tiram, após o almoço nos anfiteatros da Faculdade, sentadinhos na última fila e com a cortina da última janela descida, são muito melhores!!!).

Quanto ao “Palácio da Enfermeira”, temos a relatar que o batismo veio um pouco atrasado, pois que o mesmo já se chama “Montenegro-Marú”, dados os esforços empreendidos por tal professor no sentido da instalação de uma escola de enfermagem de alto padrão junto ao Hospital das Clínicas, a qual, se tal não fosse, talvez hoje estivesse erigida em outro Estado. E se as instalações são confortáveis justifica-se; pois, ainda assim a nossa sociedade reage ao ingresso das jovens na carreira da enfermagem; se as moças tivessem que ficar por aí, estamos certos, a muito poucas seria permitido o estudo da enfermagem. Porém, com os alunos da Faculdade, pobres ou que provêm do interior, nenhuma ajuda ainda foi dada. E porque? É fácil de responder: a Faculdade nunca lutou com a falta de candidatos, e assim, os dirigentes nunca se incomodaram para dar conforto aos jovens do interior ou auxiliar os alunos pobres. E aqui, falamos de cátedra, pois, nós que estamos nessas categorias, queríamos, não um palácio, e sim apenas uma “Choupana do Estudante”. Porém, os movimentos tendentes a resolver estes problemas, morreram no nascedouro quanto partidos de nós, e nem chegaram a nascer na mente da maior parte dos dirigentes.

Ilustre Vão Bobo!

O nosso espírito de luta em prol das causas justas dos estudantes, da própria Faculdade e do H. C., nunca se arrefeceu. E a nossa orientação foi sempre dirigida nesse sentido. Assim é que o nosso modo de pensar em relação às “jovens universitárias” da E. E. nunca mudou, como você afirmou, e neste sentido, elas mesmas poderiam confessar-lhe a máguia que sentiram

(aos colegas Vão Bobo e O. Góes de Moraes)

ante duras palavras que já lhes dirigimos por estas mesmas colunas. O seu julgamento sobre a nossa conduta é completamente errôneo devido a uma “completa desorientação” que você tem sobre os personagens que criticamos e sobre os fatos que discutimos, como lhe provaremos.

Do ponto de vista dos nossos e dos seus artigos, há que distinguir no H. C. as alunas da E. E. das assim chamadas “enfermeiras-chefes” e “enfermeiras-supervisoras”; as primeiras obedecem à orientação da Escola de Enfermagem que tem uma Diretoria e um Conselho, do qual faz parte o próprio Diretor da Faculdade de Medicina; as outras obedecem à orientação da Sub-Divisão de Enfermagem do H. C. cuja direção está nas mãos de uma das “Ferrari Sisters” (a outra está no Uruguay, agora, aperfeiçoando-se em Rádio-logia com o Prof. Barcia, para depois ensinar o Chi-priades, pois o Aparício já sabe). No entanto, você confunde tudo. Os problemas que deparámos quando estudantes e que os médicos internos também toparam foram todos com as assim chamadas “enf.-chefes” e “enf.-supervisoras”; daí a razão das críticas sobre as residências, sobre a famosa “Bastilha” do 6.º andar, que enfim caiu, como V. sabe. Daí a razão

daquele trecho que você reproduz na sua “carta ao dr. K. K.”.

Conclue-se, pois, que a sua confusão foi desastrosa!!!

Ninguém mudou de orientação. Você é que está desorientado, que quanto “a sua leitura de artigos de O Bisturi, quer quanto “a sua observação” e quer quanto “a sua audição de comentários nas enfermarias e na Faculdade”.

As meninas, de fato, continuam a morar, nas enfermarias ainda não instaladas do H. C. e, provisoriamente. E saiba, que quando o H. C. dispuser de verba e de pessoal para instalar as Clínicas que faltam, e se não o fizer por causa das meninas, nesse dia pode, caro Vão Bobo, contar conosco na “Campanha pró-mudança rápida da E. E. para o Montenegro-Marú” (Permita-nos refutar mais uma vez o seu batismo e usar um nome mais de acordo com a história e com o aspecto do prédio.)

* *

Passando para o 2.º capítulo — “Nosso Restaurante”, verificamos que o jovem O. Góes de Moraes está mesmo “longe da realidade”. E, atendendo ao seu apelo (e não pedido de nenhuma moça da Escola de Enfermagem) no sentido de “aclarar dúvidas e conceitos errados”, passamos a responder os quesitos formulados, naturalmente apenas na parte que se refere ao “barsinho-comedeira do H. C.”, embora as respostas do C. A. O. C., quanto ao “nosso Bar” também devam ser muito esclarecedoras do amigo Góes.

«Nosso restaurante»

O último número de “O Bisturi” publicou, com o título que também encima estas linhas, um artigo assinado pelo colega. O. Góes de Moraes.

Como no referido artigo há um pedido de informações do autor, apresentado em forma de quatro perguntas, julgamo-nos na obrigação de respondê-lo. Aliás todos os colegas têm o direito de pedir explicações sobre assuntos que digam respeito aos estudantes e a Diretoria do Centro o dever de esclarece-los sem demora.

Apenas queremos frisar, de início, que as ditas perguntas falam sobre o bar que funciona aqui na Faculdade e sobre outro que se acha instalado numa dependência do H. C. Nossa resposta, é lícito esclarecer, dirá sobre o Bar da Faculdade, único sobre o qual temos conhecimento da organização.

P — as funcionárias são pagas com a renda do bar ou pelo governo?

R — são pagas, exclusivamente, com a renda do bar; o bar da Faculdade de Medicina não recebe auxílio de verbas oficiais.

P — o bar compra determinados produtos como café em pó, leite, pão e demais gêneros alimentícios, ou são estas mercadorias fornecidas pelo almoxarifado do H. C.?

R — o bar compra toda e qualquer mercadoria que se usa no seu movimento. Não houve, até hoje, absolutamente, fornecimento gratuito de gêneros alimentícios ou qualquer outro utensílio.

P — qual a vantagem, no caso do “nosso bar,” de ser o mesmo orientado por uma comissão de professores quando o mesmo poderia ser entregue à direção do C. A. O. C.?

R — não há, realmente, vantagem em o “nosso bar” ser orientado somente por uma comissão de professores, razão pela qual, assim foi empossada, a Diretoria de 1947 nomeou uma comissão de estudantes destina-

1) — As funcionárias, (duas, talvez), são pagas com a renda do bar, pois, as alunas que lá trabalham, nada ganham. E se assim o fazem é porque a renda do “barsinho” é empregada nos Departamentos Assistenciais do Centro Acadêmico 31 de Outubro”.

v 2) — Garantimos que o almoxarifado do H. C. nada tem que ver com o barsinho. E como prova está a regularidade, mais ou menos satisfatória, com que se encontra nesse bar, o pó de café, o leite e o pão. Se tais artigos tivessem que passar pelos trâmites do almoxarifado do H. C. talvez acabasse acontecendo como os “palitos” do Refeitório que aparecem com os eclipse solares”.

* *

E assim julgamos ter esclarecido melhor as idéias de Vão Bobo e de O. Góes de Moraes, que embora sendo, possivelmente dois articulistas diversos têm a mesma característica mental de “confusão e relativo descaso à realidade” quanto às coisas do H. C. Eis a razão porque resolvemos responder num artigo só, aos dois assuntos, pois embora partindo de “articulistas diversos”, emanaram entretanto, de uma mesma personalidade mental.

Não poderíamos, entretanto, encerrar sem um último comentário. O desassombro com que Vão Bobo ou O. Góes de Moraes aborda os problemas, merece admiração. E’ assim que o vimos no último número de “O Bisturi”, vir à arena por duas vezes para criticar e para manter viva a “chama de luta” dos estudantes na resolução dos seus problemas. Os seus “erros” e a sua “confusão” desaparecem diante da sua intenção de batalhar.

Despedimo-nos, agradecendo a atenção do colega.

K. K.

da a acompanhar os trabalhos de manutenção do bar.

P — por que se permite que os funcionários dos Institutos de Higiene e Adolfo Lutz almoce no bar em detrimento dos estudantes quando o H. C., se nega preteritoriamente a ceder mais alguns talões de refeições no Hospital das Clínicas que ostenta orgulhosamente como subtítulo: “da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo”?

R — quanto ao primeiro assunto, diremos que o bar da Faculdade apenas com o movimento de estudantes não se poderá manter. O maior movimento aumenta a renda, razão por que também no bar da Politécnica há frequentadores dos diversos Institutos vizinhos daquela Escola. Desde que haja, em “nosso bar” um corpo eficiente de empregados que trabalhe com presteza, não nos parece cabível admitir que a presença de funcionários da Faculdade de Higiene e do Instituto Adolfo Lutz venha “em de-

primento dos estudantes” de medicina; quanto á afirmação contida nesta pergunta de o H. C., negar-se preteritoriamente a ceder mais alguns talões de refeições, diremos que já não procede. Há dois meses atrás o Sr. Superintendente do H. C. atendeu ao apelo do Presidente do Centro, elevando o número de estudantes possuidores de talões de 50 para 84, atendendo a quasi todos os pedidos que nesse sentidos nos foram enviados por colegas.

Ultimamente realizamos uma assembléia geral em que os alunos da Faculdade foram esclarecidos sobre a situação em que se encontra o bar. A comissão de colegas, então nomeada, já enviou aos professores responsáveis uma série de sugestões que dentro em breve, esperamos, serão postas em prática, visando melhorar o funcionamento do bar da Faculdade.

26 de Maio de 1947
A Diretoria do C. A. O. C.

Silêncio, oh! céu nublado de minha São Paulo querida!
Silêncio, mares e florestas!
Silêncio, nuvens e estrelas!
Silêncio! Meu coração sofre de amor.

Elogio
ao
silêncio

Cerrem-se os lábios,
Os lábios não dizem o que a alma sente!
Banhem-se os olhos, em rios de lágrimas,
Mas, silêncio!
Só o silêncio traduz uma grande dor!

Eu quero ouvir a voz do silêncio dentro da noite!
Eu quero ouvir o silêncio falar em ti, na tua ausência, em nosso
[amor!
Eu quero ouvir o silêncio falar de minhas saudades e prantos!
Eu quero viver, amar em silêncio!

Silêncio!
Uma dor atroz me punge o peito!

Quinto ano dos tipos singulares

Todo mundo já conhece
A fama do Rafael,
Que apelido bem merece
De “Rei da Piada com Fel”.

Não fica, porém, atrás
Américo — o secretário —
Traz perigo para a paz
Seu infame anedotário.

Braguim, o bom Ferdinando,
Que é brilhante como ouro,
Anda com muita arrogância.
Diz que andou tempo viajando
E em sua honra Bebedouro
Criou a “Casa da Infância”.

Adolfo, bom português,
Deixa teu plano de vez
De queres um doente
Só para o usares tu,
Tal qual a pulga contente
Que ganhou o seu lulú
Peludo, exclusivo e quente.

Braguim e Martins Campinhos,
São os sultões de Palmeiras,
Fazem lá o que lhes convem.
Trançaram os seus/pausinhos,
Arranjaram umas caveiras
E lá montaram um harém.

Pachequinho, deixe disso,
Trabalho nunca foi pouco.
Livre-se dêsse suplício,
Não mais se interne no hispício,
Que um empreguinho de “louco”
Nunca foi um bom serviço.

O outro Adolfo, senhores,
Tem estranhas vocações,
Pois agoniza de amores
De Higiene, pelas lições.

Eu não sei, eu nada vi!
Mas, talvez que “vá o bobo”
Ficar bobão de paixão.
Estará virando lobo
O travesso Juqueri?
Eu não sei de nada não.

Giménez se especializa
Da psiquiatria no mundo.
Da obstetrícia precisa
— E preleções a granel —
P’ra descobrir o mistério
Do nascimento do imundo
Dono da pança sem fundo
Que se chamou Pantagruel.

Por causa das enfermeiras,
Por causa das brincadeiras
E de alguma confusão.
Ernesto criou coragem:
— Não quer que o chamem “fogagem”,
Nem “foguinho” nem “fogão”.

Alguma coisa de bom

O SAPO

Dirigido por Lapicque e Laville

Estimados leitores, as cordiais saudações de “O Sapo”, que agora aparece fazendo concorrência com “O Bisturi”, jornal que às vezes aparece em circulação. Enquanto este é um “comentário” (jornal cometa), que o tempo tornou sério, muito sisudo ao ponto de aparecer quando vai gastar elogios a granel com algum figurão ou algum fato taxado de importância (desculpem não usar de um verbo tão comum e tão apropriado), a intenção aqui é diferente. Este jornal, cujo nome é uma homenagem aos pobres batráquios imolados no terceiro andar em extravagantes experiências, sem ter a ventura de sapear e, pelo contrário, tomam parte direta nas funções, tem por finalidade semear um pouco de hilariedade entre estes alunos que passam encerrados quase o dia todo entre as paredes frias da Faculdade. Que corresponda à expectativa dos leitores, resume a vontade de seus responsáveis.

Ou matar coisa encrencada,
Convem jamais esquecer
O Matar, que tem um dom
Para “líder” de bancada.

O Walton não sai do rumo
Da cortezia profunda,
Salamaleques, mesuras.
Voz doce... não perde o aprumo.
Mas... pode ficar corcunda
Só de fazer curvaturas.

Lá na panela matreira
Do Matar, entrou contente
O Meira como transeunte.
E há aí quem pergunte:
Por que é que o velho Meira
Chama o Matar de pingente?

O Plínio agora já ama
E a mulher lhe impôs programa
P’ra cada minuto e hora.
Já não sai com seus amigos
E vai correndo perigos,
Sem saber como dar fóra.

Monteirinho, um “virtuoso”
Da conversa e até da pose,
Age com desembaraço.
Maganão, ladino, sábio,
Abre o bico, solta o lábio...
E os “patos” lhe vão no laço.

Embora velho, o Fontana
Tem vontade de aprender,
E com muita ligeireza.
Nem é mesmo se engana
Quando nos fica a dizer:
— Que madrasta a natureza!

O Fauze diz que é gostosão
E das “melanas” diz que é
O “Irresistível Salomão”.
E com aprumo e com vaidade,
Anda a passear, pela cidade,
Com a “Irresistível Salomé”

Uma desgraça se abate
Sobre a turma lá do Braz.
E’ que Russo, Bloise, Labate,
O Mariano e até o Grecchi,
Já não vivem mais em paz.
À briga se pôs um breque.
Mas essa turminha inteira
Fez a sua divisão
Em: “Bloco de Além-Porteira”
E “Bando Cá da Estação”.

Tanganeli, quando “arrulha”
Até os Santos embrulha,
Sem que dêem êles por isso.
Não sabe se ao quinto-ano
Êle mesmo é que chegou.
Ou se alguém o empurrou.
Mas, êle não tenha engano:

— Foi milagre ou foi feitiço!

Para podar o bigode
Êle todo se sacode
No seu ufano afã.
Mas, se o trânsito perturba,
Se esconde logo da turba
O bigodeiro Kurban.

Oσίας, Gastão, Moreira
E Pachequinho inclusive,
E’ turma que há tempo vive
A brigar, numa inferneira,
A ver quem ganha a medalha
De mais louco. E da batalha
(A escolha foi bem feliz)
Será Montessanti o juíz.

Moça que fite o Laurindo
E pense que êle é lindo,
Lhe desperta uma paixão.
— Ah! que “dobrinhas” de esquina.
Não me olhe mais, menina,
Que eu não sou tão velho, não.

Gordinho, nédio, roliço.
Do riso tem sempre um viço
E o geito de quem só sonha.
Por isso se diz que a cara
Do nosso amigo Ubajara
E’ uma... “moédinha” risonha.

Adeus, oh! noites de orgia.
Em que eu gozos fruía
De terríveis bacanais.
Sou Nebó, hoje sou sério,
Mais triste que um cemitério,
Só a estudar, nada mais.

Elizabetski, coisa feia
Viver você a chorar
Com a bariga tão cheia.
Em vez de emprêgo buscar,
Recorra ao seu pé-de-meia.
Deixe aos outros seu lugar.

Você, seu Mandacarú,
Gosta muito de gafieiras.
Pois eu lhe informo, depressa.
Que haverá em massa, à besa,
Mulatas belas, faceiras.
Lá na “Toca do Tatú”.

Omír passando por santo
E’ coisa que pega, não.
Foi visto num certo canto
(Não brilhava a lua tanto)
“Sozinho”, na escuridão.

Se não fôsse pouco o espaço,
Da turma tôda eu faria
A história tão singular.
(Fica pro outro exemplar).
E p’ra ninguém se irritar,
Me despeço com alegria,
A todos dando um abraço
De costelas rebentar.

Versos de HIDRA DE LERNA

Pelo cemiterio

Tombou aqui o Zarzur
Nosso antigo tesoureiro
Morreu de câncer no dedo
De tanto contar dinheiro.

Aqui sobrou o Sawacia
Maluco como êle só,
Ficamos sem orador
De avental sem paletó.

Repousa aqui o Zucove
E mais o seu barrigão
Por causa dela não foi
Possível fechar o caixão

Tombou enfim o Flávio
Que nunca foi um covarde
Disseram seus “bons” amigos
— Coitado, já foi tarde

Aqui jaz o Emil Sabaga
O boquinha de cereja
Será mais um anjo no céu
Mas também pode ser que não seja.
“El picaresco”

O euruja.

A formiga bulldogue

Quedei-me titubante, indeciso, hesitante entre sorrir de incredulidade e mandar o autor as favas com a sua peta ou arregalar os olhos, pasmado com semelhante fato, amedrontador, formidável, terrível no que êle encerra! É uma tarde domingueira. Longe de mim — Testut, êle que povôe a alma fóssil do Bernardão. Eu quero socego e por isto abro Schopenhuer de Thomaz Mann; é preciso conhecer a vida, olhando com os olhos profundos dos dissecadores da humanidade e da natureza, porque às nossas vistas, tão superficiais e tão rastejantes quantas coisas não passam desapercebidas?

Talvez por ser um cético — maneira suave de dizer “sou pessimista”. — sempre tive o “não me relés” pelo grande e não menos feioso filósofo de Dantzig. Para compreendê-lo é necessário que se viaje no tempo e no espaço, para o ambiente em que êle viveu. Mas como dizia, devorava cada palavra deixada pela mágica pena de Thomaz Mann, até que cheguei à página 116. Firmei a atenção, aguicei a vista, franzi a tésta, lí de novo; não, os meus olhos, que de vez em quando lambiam as curvas divinamente terrestres dos membros da huri que lia na mesa da frente, não estavam fazendo brincadeira de mau gosto comigo. Ali estava escrito, e em letras bem claras, que a formiga bulldogue da Austrália, quando cortada ao meio, a parte anterior se volta contra a posterior, travando-se então renhido combate. A cabeça ataca a cauda com o ferrão, e a parte trazeira se defende valentemente, com o aguilhão. O combate dura ordinariamente meia hora. A princípio sentí ligeira cegueira na alma tal e inverosimelhança, o fantástico que se me parecia tudo aquilo, e um sorriso atingiu os subúrbios de minhas faces. Logo porém, refrescado pelos segundos que se passaram, eu meditei e meditando, sentí que as cócegas se metamorfosearam em prurido, em coceira inquietante, angustiante. O que não é possível entre

o céu e a terra, neste mundo de Deus e de Mefistófeles?

Porque haveria de me admirar, de achar absurdo que a cabeça da formiga — misero ser de cérebro microscópico — se engalfinhasse com a cauda, essa cauda que ela nunca viu?

Os homens, sim, os homens, animais que venceram a “struggle for life” que do alto da escala zoológica contemplam com desprezo as alimarias, que têm um cérebro que faz misérias de prodígio e um coração que é mais coração, não fazem a mesma coisa?

Reconhece cada um deles o seu semelhante, o seu irmão de criação na fisionomia do inimigo? E quem é o inimigo? Um outro homem como êle, com pais, irmãos, noiva ou esposa e igualmente um tinhoso. Nos dias pacíficos, cada homem acha que a honestidade é a virtude necessária e suficiente; necessária porque sem ela o homem deixa de ser homem, torna-se um canalha, suficiente porque ela é raiz das demais virtudes. Na guerra, ombro a ombro, honestos e monstrenhos de um lado se entregam com sanguinária fúria à caça de outros honestos e outros monstrenhos — porque a honestidade e a monstrosidade não são privilégios de uma Terra — na realidade todos êles tomados de instinto animalesco, anestesiados os cérebros sufocados os corações.

Debalde disse o Senhor: Não matarás. As suas palavras desgraçadamente só encontrarão sempre e sempre nos corações humanos um asilo de doubles, de hipocrisias. E muitas vezes ou fico pensando se melhor não fora que no grande Dilúvio um animal estivesse ausente no barco: o próprio Noé. O homem e não a formiga bulldogue é que deve dilatar-nos as orbitas de assombro, até que os olhos saltem dos seus lugares. Sim, porque o homem, animal que tem mais cérebro e mais coração, é o único ser criado que causa remorsos ao próprio Criador.

Luar, sonho e devaneio

“A Lua melancólica, triste e romântica” Mais que “lugar comum”, uma Convenção.

Mas tanto a cantaram os poetas que, mesmo sem o querer, não podemos deixar de assim considerá-la, já calou fundo em nosso sentimento que assim seja.

E que seria dos românticos sonhadores se a Lua deixasse de existir?

Sozinhos com sua imaginação, é a Lua de prata a única amiga, a única confidente a quem podem confiar suas agonias de espírito, suas tristezas, seus insucessos.

Conversam com a Lua, com Ela se desabafam e ouvem seus conselhos e consolos: Contam à Lua as alegrias que tiveram com o Objeto Amado ou a não correspondência a seu grande amor e sob sua luz de prata, prosseguem o masoquista devaneio, o sádico mas agradável sonho acordado, continuação do sonho da última noite, prelúdio daquele que virá em a noite então entrante.

Não se fazem necessárias as poéticas palmeiras, música suave, o sopro afagante da brisa, o sussurro do mar, é suficiente o argênteo luar dos poetas para que se lhes não saia do pensamento a mais bela mulher que Deus jamais criou.

E rendem graças ao Altíssimo pela existência do Satélite do Amor, a Lua a companheira na construção de seus mais maravilhosos castelos.

A suave e ligeiramente azulada luz da Lua penetra o coração e a alma, atingindo as profundezas mais recônditas do sentimento.

Noites de luar, estímulo irresistível ao sonho e ao devaneio, ao romance, às emoções do espírito, ao Amor.

E convocam o objeto de seus afetos, a razão única de sua existência, para consigo desfrutar os indizíveis prazeres de se amar à luz da Lua e ver como é lindo o Amor.

SONHADOR

Talvez um sonho... aquela noite, uma mulher

Rendilhavam os céus as coruscantes estrelas, lá em cima, tão alto... e a Via Lactea brincava, nos seus minúsculos pontos brilhantes, em dar, através do véu de neblina e da poeirenta estrada dos astros, uma dança de fulgores em luzes de alabastro.

E eu cá em baixo, na noite calma, ao leve perpassar gostoso e atrevido da aragem, a contemplar de fóra, de longe, a paisagem sombria das alamedas, das ruas tortuosas, as gigantes argamassas de pedra e de cimento, apontando o espaço...

Luzes tristes do topo de postes em silhuetas esguias, aerodinâmicas... Tudo no esfumacear ondulado de névoa que descia, que subia, que vinha aos poucos arebatando-me a alma com um desejo terno e macio...

Você longínqua, olhos tristes... aqueles fulgores de umas madeiras de ouro, estatuárias. Você... doce na solenidade escultural de suas formas nua... Desejo... sinto: “If you can dream — and not make dreams your master”... if, if...

Mais perto vai-se ondulando em passo calmo, em cadência musical e artística seu corpo morno e sereno...

A noite é triste... contemplo de fóra seus olhos azuis, mudos, parados, mais belos que todas as estrelas coruscantes lá no céu...

ABEBE

Belmonte



Foi num sábado, a dezenove de abril, bem me lembro. Um ambiente de cansaço sufocava aquele fim de semana.

— A Natureza inteira avalava seus últimos aentos para o descanso dominical.

A cidade, movimentando-se apressada, foi interrompida, num instante, pela voz cadavérica, vibrando na laringe calcificada, de um jornalista que assim se exprimia: Belmonte morreu! morreu Belmonte! a Fôlha!!! E o paulistano, apressado, correndo, não pôde neste instante, suster a lágrima sentida que não rola pela face mas que brota do coração.

Filho de plagas de Piratininga, aqui viveu e frutificou na simplicidade de sua vida intelectual. Tinha alma de artista e o lapis foi seu instrumento predileto. Num único traço trazia à baila personagens dos quatro cantos do universo a platéia satisfeita se esfasalhava em risos.

Piscólogo de fina estirpe, interpretou todos os sentimentos e seus personagens eram sempre oportunos acolhidos com singular simpatia.

Gostava de sorrir, “soltar a alma”, como dizia, e a todos agradava com suas expressões espontâneas e sinceras. Nasceu pobre e preferiu nosso ambiente às fortunas que outros países lhe ofereceram.

Artista de grande alçada, Benedito Bastos Barreto, como era seu nome, viveu sempre para seus leitores anônimos, para o homem comum de todos os dias, este que vive conosco nos estribos dos bondes ou no turbilhão das ruas.

Com sua passagem, a nossa gente perde um de seus melhores amigos; com sua morte, a Imprensa Nacional perde um de seus valores insubstituíveis, pelos seus dotes morais, intelectuais e artísticos.

R. Brólio

CONCORDANCIAS

Aciência foi desintegrando a matéria, em que ela se constituía do mais simples, num processo de evolução contínua. Passou-se, assim, de plano da substancia para o da molécula, deste para o do átomo, daqui para o de núcleo e o da energia em si.

A Físico-Química vai indo secundada pelas demais ciências, num mecanismo de reajustamento experimental e filosófico. Faz-se sempre necessária uma visão integradora dos conhecimentos, com a criação de um mais moderno sistema.

Desde que Einstein aventou a hipótese e forneceu a equação da matéria em energia e vice-versa, e chegou-se a sua comprovação experimental, passamos quasi insensivelmente do que é material para o não material. Em sentido inverso, podemos passar de nível da energia para o dos seres vivos, em sua maior complexidade — o homem; este visado também em sue psiquismo. E, partindo de uma abstração (logo, de natureza psíquica) chegar de novo às elaborações mentais, num verdadeiro ciclo; e teremos, em conjunto, uma visão harmônica das ciências e das artes, sob o prisma das modernas concepções das ciências experimentais.

Poderá essa visão não ser verdadeira, mas satisfaz a curiosidade de saber si atenua a angustia de não saber.

Croce escreveu que para se atingir a Verdade é necessário ir-se destruindo os sistemas errados, aproveitando-se o que possuem de certo na elaboração de novo sistema, e assim por diante. Se pudessemos provar que determinado conceito é definitivamente errado, teríamos descoberto a Verdade. Um erro absoluto é uma verdade.

Então temos — A quantidade (abstração) como grandeza pura, em suas variações, é objeto da matemática. A arte que a utiliza em seus processos de distribuição harmônica, num todo, é a Arquitetura. A energia já faz parte de domínio atômico. Suas transformações quantitativas (quantidade de energia) constituem objeto da Física. As variações de quantidade de energia sonora, formando consonâncias, são utilizadas na Música. Em nível mais elevado, a energia condensada gera o elemento. Estaremos aí no nível molecular, por quanto da Química. A Pintura ocupa as variações de cor e volume, ambos ligados à matéria, logo no mesmo plano da Química.

Num grau maior de complexidade, teremos a matéria com vida, precindindo-se da própria noção de vida ou

de energia biótica. A quantidade de energia condensada e com vida é objeto da Biologia. E a Arte que se ocupa do ser vivo em si, e em geral, e do homem em particular (prescindindo-se de seu espírito) é a Escultura.

Em ordem mais elevada teremos a matéria vivendo com espírito, estes tomado em seu sentido antropocêntrico. Caimos então no campo da Psicologia. A arte correspondente, principalmente em sua atitude moderna, visando o homem em seu aspecto integral, é a Literatura em geral, a Poesia em particular.

E assim, no quadro que segue, partindo-se da quantidade como objeto, numa complexidade crescente, teremos as ciências e as artes correspondentes a cada objeto.

E' bastante pensar-se um pouco pa-

ra se observar essa harmonia. Naturalmente, no que diz respeito às artes, teremos apenas níveis de correspondência, pois fazem parte de elaboração mental elevada, onde entra, no conceito croceano, o papel da intuição. Poderemos dizer, no entanto, que neste quadro as artes tem seu plona correspondente de expressão: a Música utiliza o som, que é energia, etc..

OBJETO — CIENCIA — ARTE
quantidade — matemática — arquitetura
de energia — física — música
condensada — química — pintura
vivendo — biologia — escultura
com espírito — psicologia — literatura (poesia).

Adhemar Fiorillo

Ensino secundario

Ouve-se algures a respeito de uma reestruturação do Ensino Secundário. Muito se tem dito a respeito e todos procuram emitir suas opiniões ou pontos de vista, procurando, de qualquer modo, encontrar a causa que nos leva à deficiência dos ensinamentos escolares, como dizem.

Não há dúvida em se pensar que o movimento da gestão Mariani não seja o de reforma, mas sim, de adaptação e atualização de normas já carcomidas pela patina do tempo, adaptações estas indispensáveis ao momento que atravessamos.

Há muitas cadeiras cujos programas poderiam ser reduzidos à metade, como o Latim, História da Literatura Francesa, História da Literatura Inglesa, e outros mais.

Encher o cérebro de nossas pobres crianças com latinismos inúteis é, não somente, um desperdício de tempo e falta de bom senso, como também, um atentado inescrupuloso contra quem não sabe ou não pode reagir. Obrigar-se aos adolescentes a decorar nomes e datas literárias, e mesmo, de História, é geralmente de improficuos efeitos. Saber Mineralogia também é muito “importante” — dá-nos a visão panorâmica das formas geométricas, uma alma triangular ou um retangular super-ego, por exemplo. E assim por diante, há uma série de bobagens cujos programas devem

ser reduzidos ao mínimo e substituídos por programas de ação e de utilidade prática, programas realizáveis e acessíveis, não utópicos.

Normas básicas de Higiene deveriam ser dadas aos alunos, logo na primeira fase do ensino secundário, ou mesmo, antes. Não há necessidade de se instituir um programa de Higiene monstruoso como, até bem pouco tempo existia no curso colegial. Há muitas noções básicas e de aplicação geral que são úteis a todos, quer cheguem ou não a cursar uma Escola Superior. Fundamentos de Civilidade e Sociologia é de interesse comum. Cousas práticas, como conduzir um carro por exemplo, são pontos de vista que deveriam ser estudados com honestidade pelos nossos legisladores e, se possível, substituídas por um grande número de susceptibilidades científicas que infelizmente tivemos aprender.

Não somos utilitaristas ao extremo, mas o homem vale pelo que puder produzir e não pelo que sabe. Saber muito, ser enciclopédias andantes, é um cargo sumamente pesado para o homem de nossa época. As Escolas precisam é apresentar à sociedade homens honestos e capazes, fortes e saudios, produtivos do progresso, dignos de ombrear as responsabilidades do dia de amanhã.

R. BRÓLIO



Noticiário Esportivo

Atividade do Departamento de Esportes. — Tudo faz a direção do referido departamento para que novos rumos sejam tomados nos diversos setores esportivos do C. A. A. C.

Grande tem sido o labor do diretor de esportes no sentido de que bonitas vitórias sejam colhidas pelos atletas alvi-verdes no decorrer do presente ano.

Afim de estimular os desportistas com relação aos treinos, a praça de esportes do Centro tem sido alvo de constantes preocupações. Assim é que a piscina, a pista de atletismo e o campo de futebol têm merecido devidos cuidados; a piscina será periodicamente limpa e os necessários passos para a aquisição do imprescindível filtro já têm sido dados; a pista de atletismo será completamente colocada em ordem, uma vez que carvão, areia, serragem e pintura dos postes de salto já foram providenciados; quanto ao campo de futebol, a Prefeitura já colocou em normalidade pela capinação e cuidados referentes a extensos formigueiros espalhados pelo gramado.

É sabido que os aparelhos de ginástica existentes no campo de esportes do C. A. O. C., se encontram em lamentável abandono. Pois bem: dentro de breves dias eles novamente se encontrarão em perfeita ordem, com a remodelação dos já existentes e aquisição de novos. A verba necessária para que se efetuem tais remodelações já foi, felizmente, conseguida.

Outra auspiciosa nova para os esportistas do C. A. O. C., é a criação de uma academia de Jiu-Jitsu, da qual poderão fazer parte todos os interessados. A direção esportiva do Centro já entrou em entendimento com o inconfundível e competantíssimo campeão Ono, no sentido de ficar sob a direção desse estilista a organização e supervisão dessa novel academia.

Também é pensamento do Departamento de Esportes do C. A. O. C., realizar no ano em curso várias excursões com o fito, principalmente, de manter e elevar o seu prestígio fora da capital paulista. Uma dessas excursões deverá ser sensacional: tratar-se da tão falada e desejada ida à Bahia. Para que essa ótima realização seja positivada, embarcará para o Rio de Janeiro o nosso diretor esportivo, que na capital do país, junto aos poderes competentes, tratará de assuntos que dizem respeito à mesma.

No que se refere à remodelação dos fardamentos esportivos algo de elogiável foi conseguido. É que para competições próximas serão fornecidas aos rapazes do C. A. O. C., uniformes completamente novos e vistosos.

Como se vê, o Departamento de esportes preocupa-se presentemente com medidas de grande alcance. Justo é, então, que todos os esportistas do C. A. O. C., colaborem com ele de corpo e alma, para que o nome esportivo de nossa agremiação seja honrado e invejado cada vez mais.

Atividade futebolísticas. — Brilhante campanha vem cumprindo no

decorrer deste ano o esquadrão futebolístico do C. A. O. C. Os adversários enfrentados até a presente data foram, todos, inapelavelmente batidos. A série de jogos efetuados foi a seguinte: C. A. O. C. 5 x Associação Médica Esportiva 2; C. A. O. C. 5 x Funcionários da Faculdade 0; C. A. O. C. 4 x Maritimos F. C. 1; C. A. O. C. 4 x Ponte Pequena F. C. 1.

Presentemente o quadro de futebol está sob a orientação de Bauer, o renomado craque do futebol paulista e nacional.

Em vista dos resultados obtidos e em vista da forma atual da equipe, tudo faz crer que o C. A. O. C., é um sério candidato ao título de campeão no Torneio Estimulo de Futebol da F. U. P. E., que dentro em pouco será realizado. Com essa vitória os jogadores do C. A. O. C., terão conseguido o título honroso de bicampeões desse torneio que a entidade universitária anualmente patrocina.

Uma brilhante vitória. — Realizou-se a 10 de Maio, na pista do E. C. Pinheiros o Torneio Estimulo de Atletismo da F. U. P. E. Mercê de uma atuação magistral, os atletas defensores do C. A. O. C., colheram um triunfo digno de calorosos aplausos. A diferença de 111,5 pontos sobre o segundo colocado por si só fala a respeito da atuação dos rapazes da Faculdade de Medicina.

Conquistando o primeiro lugar no torneio da entidade esportiva universitária que inaugurou as atividades dessa no decorrer do presente ano, a turma alvi-verde legou ao C. A. O. C. mais um brilhante título.

Os resultados técnicos foram os mais animadores possíveis. Waldyr, em notável tarde, triunfou em várias provas e melhorou o recorde de salto em altura do torneio em questão, igualando ainda o recorde da difícil prova dos 83 m. com barreiras. Outros ótimos resultados foram conseguidos

pelos nossos representantes Albrecht, Vignola, Campos, Dante, Renatino, Callia, Raimundo e Luiz.

Que triunfo conquistado sirva de incentivo para outras grandes vitórias.

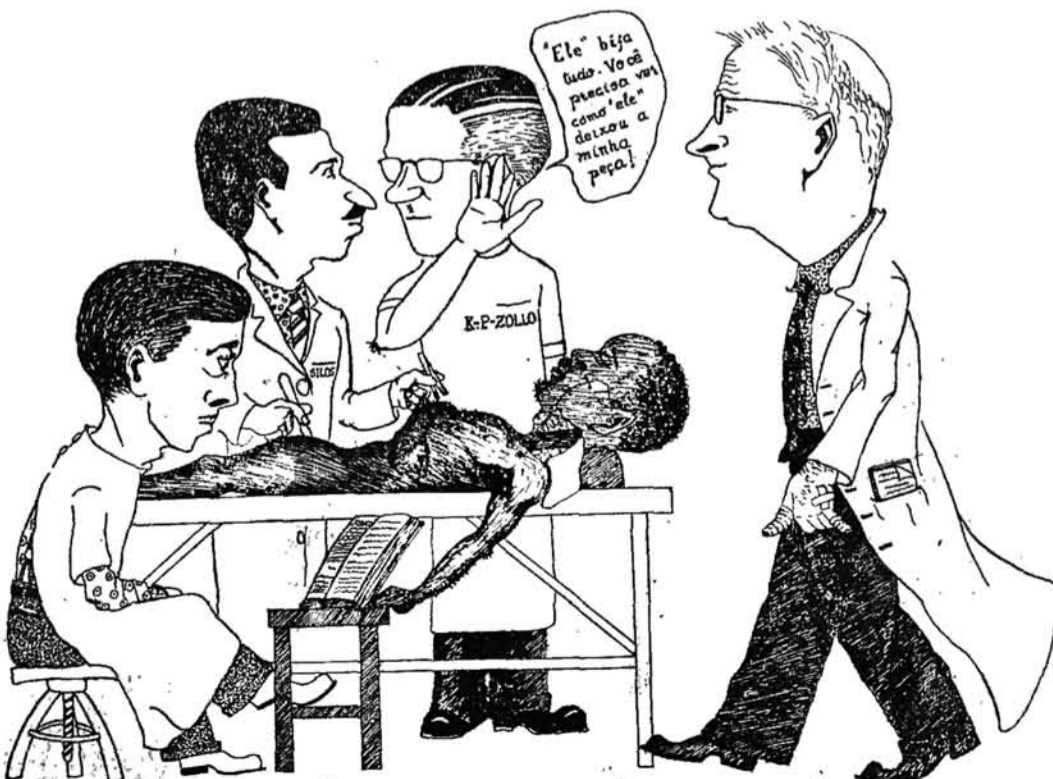
Ac-Med. — Realizou-se, no decorrer de Abril e Maio, a já tradicional Ac-Med. Como na competição anterior, os acadêmicos conseguiram suplantar os "velhos". Os acadêmicos venceram em natação, futebol, voleibol, xadrez e atletismo; por outro lado, os médicos impuseram-se aos seus antagonistas remo, polo aquático, cestobol e tenis. Cinco a quatro pró acadêmicos foi então a contagem.

Todas as provas foram arduamente disputadas, com exceção da competição de polo, na qual os acadêmicos, inexplicavelmente, não apresentaram a sua melhor turma.

Xadrez. — Um animado torneio foi disputado entre os enxadristas do C. A. O. C., e do Grêmio Politécnico. Em nove partidas disputadas a vitória sorriu aos acadêmicos alvi-verdes em seis. Estão, portanto, de parabens, os defensores do Departamento de Xadrez do C. A. O. C.

Pingue-Pongue. — Cerca de 40 elementos disputaram as eliminatórias do campeonato interno de pingue-pongue patrocinado pelo Departamento de Esportes do C. A. O. C. Doze elementos foram classificados para disputa das partidas finais, que já estão em andamento, sendo que poucas faltam para o término do torneio. Aronzon e Fleury são seríssimos candidatos ao primeiro posto. São os seguintes os demais finalistas: Debes, Christovam, Gimenez, Peixinho, Quarentei, Zuquim, Cabral, Fábio, Guimarães e Campos.

Artística medalhas serão oferecidas, a título de prêmio, aos seis primeiros classificados.



Considerações sobre um grande torneio

Em Paris, no transcurso do presente ano, será realizada uma Olimpíada que congregará os atletas universitários de todo o mundo; em outras palavras, a Olimpíada Universitária Mundial. Será, sem dúvida, o acontecimento esportivo de maior vulto destes últimos anos no ambiente esportivo universitário.

Com vistas a essa importante competição foi, em nosso país, nomeada uma comissão que tem por finalidade a organização da equipe brasileira. A nomeação dessa comissão já representa muito, pois por esse ato percebemos que há boa vontade de parte dos dirigentes esportivos de nossa terra no que se refere à participação dos jovens nacionais naquela disputa. É evidente, porém, que isso não basta. É imprescindível que o Brasil se faça representar, mas é imprescindível também que os mínimos detalhes sejam analisados, afim de que as nossas cores sejam bem sucedidas.

O assim chamado apadrinhamento foi sempre um dos impecilhos ao progresso do esporte universitário. Tanto nas disputas inter-regionais, como nas inter-estaduais, tal obstáculo tem se mostrado de forma inofensível. E é em virtude disso que, nos grupos de esportistas onde se fala no majestoso torneio de Paris, as referências ao bem provável insucesso da equipe pátria são abundantes. Os esportistas que, se bem que pesarosamente, falam em fracasso, têm absoluta razão; sempre predominaram as injustiças na organização de equipes universitárias, dizem eles, e será bem difícil que novamente não tenhamos essas injustiças nesta nova oportunidade. Assim sendo, é necessário que nas escolas superiores do nosso torrão se avolme o propósito de criar uma nova situação, situação na qual deve predominar o espírito de justiça e onde o merecimento seja levado em grande linha de conta; prevalecendo esse espírito, muito facilitado o trabalho da comissão organizadora, de cuja honestidade não devemos duvidar.

Se os elementos responsáveis pela seleção dos atletas universitários forem verdadeiramente bem intencionados, uma medida necessária e decisiva devem eles tomar. Devem esses elementos, por intermédio da C. B. D. U., marcar para o mais cedo possível a realização da Olimpíada Universitária Brasileira. Com a positivação desse torneio entre atletas universitários brasileiros à missão dos selecionadores será apenas de observar. Os esportistas forneceriam como que um cartão de recomendação aos analisadores; esse cartão não seria outra coisa sinão os resultados alcançados. A um ótimo resultado, a um ótimo preparo, corresponderia o direito de integrar a turma auri-verde. Um atleta que se mostra preparado, que obtém ótimo índices técnicos, não é escalado; é próprio decreta a sua escalção.

Analisados os mínimos detalhes, organizada uma turma sob um rigoroso espírito de imparcialidade, a representação nacional somente poderá colher em Paris muitos louros. Terão os brasileiros pela frente os mais fortes e experimentados adversários; poderão vencer, poderão perder, que isso é o esporte, mas o necessário e essencial é que façam belíssima figura — pois devem ter em mente que no reino dos desportos não se vence só pelas competições — honrando no estrangeiro e perante representantes de todos os cantos do mundo, o esporte e o prestígio da amada terra pela qual se batem. E isso farão, pois quem melhor que os universitários pode defender o esporte e o prestígio do Brasil?